

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIAS E GEOGRAFIA

**“RAINHA DO LAR” X *FEMME FATALE*:  
CONTRAPONTO HISTÓRICO - LITERÁRIO ENTRE  
DOIS TIPOS FEMININOS.**

Monografia apresentada ao  
Departamento de História e Geografia,  
sob a orientação do Prof. Dr. **Gervácio  
Aranha Batista**, para a obtenção do  
título de especialista em Historiografia  
Brasileira, por **Maria Goretti Guedes  
Fernandes**

Campina Grande - PB, setembro de 2006



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

Ao meu esposo

**Pedro Dantas Fernandes**

Aos meus filhos

**Ezequiel, Renato, Gregório, Daniel e Marianne**

Às minhas noras **Janaína, Denise e Claristela** e à minha neta **Letícia**

Aos meus pais

**José Guedes (*in memoriam*) e Josefa Ribeiro**

e

**Aos meus onze irmãos**

**dedico**

## AGRADECIMENTOS

Expresso meus Agradecimentos  
Aos Professores de História:

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha- Orientador  
Profa Ms. Eronides Câmara Donato  
Prof. Ms. Alarcon Agra do Ó  
Profa. Ms Silêde Leila Cavalcanti  
Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza  
Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima  
Prof. Dr. Roberval Santiago da Silva  
Prof. Dr. Fábio Gutemberg R. Bezerra de Sousa.  
Prof. Dr. José Otávio Aguiar

e

aos demais docentes do Curso de História e de outros Departamentos  
que contribuíram para a minha formação.

## SUMÁRIO

<b>Item</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Páginas</b>
INTRODUÇÃO	INTRODUÇÃO .....	5
CAPÍTULO 1	DA RAINHA DO LAR À FEMME FATALE .....	8
CAPÍTULO 2	ESTE MUNDO NÃO É MEU .....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....		72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....		74

## Introdução

Nesta monografia, pretendemos trabalhar com retratos da mulher na literatura. Não estamos preocupados com a historiografia já existente e consagrada. O que desejamos é procurar resgatar um pouco dessa mulher que viveu nas primeiras décadas do século XX no Nordeste. Um Nordeste onde predominava uma sociedade rural e uma mulher que, mesmo vivendo na cidade, tinha raízes no campo, visto que trabalhava ou prestava serviços, ou ainda, era filha, esposa ou amante de um rico fazendeiro ou coronel.

Naquele período, era muito grande a concentração de terras, estando os latifúndios nas mãos de poucos. A produção era voltada para exportação, o que gerava muita fome, miséria e marginalidade, restando às pessoas pobres servirem a um fazendeiro rico. E muitas mulheres neste período dependiam dos caprichos dos coronéis. Nessa época, era ainda muito forte a força do machismo, existindo ainda hoje os resquícios dessa dominação.

Trabalharemos a mulher recatada, submissa que tudo faz para viver em paz e cumprir com a sua missão de mãe e esposa. Mas também a literatura nos permite ver, que não só existe esse tipo de mulher, daí buscarmos também, mostrar o outro lado da moeda, ou seja, aquela mulher que ia de encontro à autoridade do homem, resistindo e lutando para viver a vida que havia escolhido para si. Para chegarmos a essas mulheres, procuramos trabalhar com a literatura regionalista, usando-a como fonte documental. Lançamos mão de algumas obras de: José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, autores nordestinos que trabalhavam com literatura de época.

Mas será possível trabalhar com a literatura? Será que é possível estabelecer a relação entre história e ficção? Como essa relação é vista pela Nova História? Respondendo a estas perguntas, inicialmente diríamos que, para estudar a relação entre história e literatura, teríamos que levar em conta a sua historicidade e as suas particularidades. Não é uma relação dada, nem simples, mas existem, sim, existindo assim as suas singularidades. Os fatos não estão dados nos documentos. Eles existem em função de uma problemática. É isso que nos faz crer na possibilidade desse casamento entre história e literatura. Para o historiador fazer uso da literatura, é necessário canalizar a

pergunta em função de uma problemática, ou seja, será possível perceber no discurso literário como viviam as mulheres no início do século XX, aqui no Nordeste?

Nem sempre foi possível essa relação, na verdade, houve encontros e desencontros na trajetória percorrida pela história e literatura. No século XVIII, essa união era possível, vista como normal, não dando margens a questionamentos. No século XIX e início do século XX, houve mudanças bastante radicais. Não era mais possível a relação história e ficção. Com o positivismo, o documento falava por si só, e restava ao historiador apenas ler o documento sem nele interferir. Neste momento, predominava a história política, a história dos heróis, a história das grandes civilizações. Uma história feita por encomenda, uma história-biográfica, preocupada em traçar perfil de grandes personalidades, bem no estilo positivista. Nada a ver, pois, com a história biográfica nos dias de hoje, a começar pelos biógrafos nos dias atuais são pessoas simples, comuns, os chamados “de baixo” uma história que começava pelo indivíduo e, ao alcançar o grupo, transformando-o em indivíduo. Uma história que pretendia ser científica, e acreditava na história-verdade.

Anteriormente, relatamos o momento em que a relação história e ficção não era possível, pois a história era vista como ciência. Isto é, neste momento, não era possível integrar a história técnica e os relatos ficcionais.

Agora, voltemos ao que nos interessa, com a indagação seguinte: será possível a relação entre história e ficção? E como essa relação é vista pela Nova História? Ora, como vimos anteriormente, para estudarmos a relação entre história e literatura, devemos considerar a sua historicidade. Ou seja, há que se ter em vista as particularidades, daquela relação e não como algo dado ou simples, mas que tem suas próprias singularidades.

Com a Nova História a relação história-literatura entra novamente em destaque, desta vez sim, levando em consideração as suas singularidades. Não sendo vista unicamente como uma história narrativa. Neste momento, o que mudou foi a concepção do que seria documento. O que importa é a pergunta que o historiador vai fazer ao documento e a maneira como vai interpretá-lo. A relação entre história e literatura nesse momento é vista como possível, e o historiador agora procura estudar o documento mostrando, assim, que os fatos não são dados nos documentos, mas destacando o fato de eles serem selecionados em função de uma problemática.

Não cabe ao historiador escrever a mesma História, ele deve, sim, reescrevê-las, defendendo assim o seu ponto de vista. Isto porque a história não trabalha com uma

verdade, mas existem verdades na história, e cabe ao historiador defender a sua versão.

Nesse sentido, nossa monografia procura perceber como viviam as mulheres no início do século XX no Nordeste.

Dividimos nosso trabalho em dois capítulos: no primeiro capítulo, pretendemos mostrar os retratos da mulher na literatura, desde a “rainha do lar” até a “*femme fatale*”, procurando identificar o modo como a literatura construiu o retrato da mulher passiva e acomodada, aceitando tudo o que o homem construiu para ela.

No segundo capítulo, por fim, visamos demonstrar como a mulher com sua “maneira de fazer” usavam suas “táticas” e “astúcias” para burlar a autoridade do macho, construindo assim o seu mundo.



## CAPÍTULO 1 - DA RAINHA DO LAR À FEMME FATALE

Neste capítulo, veremos como as mulheres viviam no Nordeste no início do século XX. Resgataremos um pouco essa trajetória, identificando, assim, diversos exemplos de mulheres, desde a “rainha do lar” até a “*femme fatale*,” percebendo que não existia só uma mulher Nordestina, mas muitos retratos de mulher. E, sendo assim, poderemos saber o seguinte: Como viviam as mulheres Nordestinas no início do século XX, e o que faziam para adaptar-se ao mundo que reservava à mulher papéis moralizantes, a “bem casada” ou “rainha do lar”, a mulher de comportamento desviante (a *femme fatale*)? Para responder ao nosso problema, procuramos respostas na literatura, especificamente, nas obras de José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, por acreditar que suas obras são arquivos ricos de imagens de mulheres que viveram nesse período.

### 1.1. A rainha do lar um modelo de mulher

Na obra *Terras do Sem Fim*, do autor Jorge Amado, o narrador mostra a trajetória de Ester e Lúcia, amigas e colegas de colégio, ambas compartilhando do mesmo sonho. Embora de mesma educação, tiveram uma vida bem diferente. Enquanto Lúcia se casou com um médico e foi morar em Paris, participando de festas e eventos da sociedade, Ester se casou com um rico fazendeiro, o coronel mais importante de Ilhéus, dono da maior fazenda de cacau da região.

Ester era uma moça educada, estudara no colégio de freira da Bahia, onde aprendera a tocar piano e música, além de falar francês e era acostumada a ler bons livros. Sua educação era motivo de orgulho para Horácio.

“Ah! Se Lúcia pudesse imaginar sequer o que era a fazenda. a casa perdida entre as roças de cacau, o silvo das cobras nos charcos onde comiam rãs! E a mata... Por detrás da casa ela se estendia trancada nos troncos e nos cipós. Ester a temia como um inimigo. Nunca se acostumaria, tinha certeza. E se desesperava porque sabia que toda a sua vida seria passada ali, na fazenda, naquele mundo estranho que a aterrorizava.” (AMADO; 1942:54)

Ester, Lúcia e suas colegas de colégio acalentavam sonhos lindos, liam romances franceses, histórias de princesas, de uma vida formosa. Todas tinham planos de futuro, porém ingênuos e ambiciosos: casamentos ricos e por amor, viagem ao Rio de Janeiro e à Europa, vestidos elegantes, festas sociais.

Lúcia realizara seus sonhos, casara com quem supunha ser o seu príncipe encantado, e fora para o Rio de Janeiro e depois para a Europa acompanhar o marido que ia se especializar em medicina. Enquanto isso, Ester viera para Ilhéus, o tempo era pouco para chorar e lastimar a morte dos avós que a obrigavam a viver naquele desterro. Aos poucos, foi se acostumando, até que certo dia o seu pai muito alegre, lhe comunicou que Horácio, um dos homens mais ricos da região, pedira a sua mão. Ela só fez chorar.

“Talvez porque toda a cidade falasse dele em voz baixa, Ester, com certo orgulho e muito despeito, levou o noivado adiante, um noivado feito de silêncios longos nos raros domingos em que ele baixava à cidade e ia jantar em sua casa. Um noivado sem beijos, sem carícias sutis, sem palavras de romance, tão diferente do noivado que Ester imaginara um dia, na quietude do colégio de freiras.” (AMADO; 1942:57)

Horácio, um próspero fazendeiro da região, foi buscar em Ester um modelo de mulher para casar. Ela seria a “rainha do lar”, uma mulher para cuidar dele, da casa e dos filhos. Um padrão de elegância e beleza, uma mulher educada. A mulher que não faria vergonha apresentar para os amigos. Era rico e poderia escolher a mulher para casar. Casou com Ester, trouxe-a para o seu mundo. Veja mas como ela se sentiu no primeiro dia de casados e como se comportou-se o seu marido:

“O que é ?

A voz dele veio indiferente:

-Uma rã na boca de uma cobra...

E chegou o jantar servido pelas negras que olhavam desconfiadas para Ester. E de repente mal terminado o jantar, foi aquele rasgar de vestidos e do seu corpo na posse brutal e inesperada. Se acostumou com tudo, agora se dava bem com as negras, a Felícia até estimava, era uma mulatinha dedicada. Se acostumou até com o marido, com o seu silêncio pesado, com os seus repentinos de sensualidade, com suas fúrias que deixava os mais ferozes jagunços com medo.” (AMADO; 1942:57)

Depois de dez meses, nascia o seu filho, e Ester via naquela criança que Horácio nascera novamente. E acreditava que tinha culpa, pois nunca tinha conseguido se entregar inteiramente a seu marido, pois fora sempre tomada como objeto ou como um animal. Mesmo assim, gostava dele e, o amava, e sofria por ele. Acostumara-se com aquilo e não mais sonhava.

Ester gostava de recordar os seus tempos de criança e, ao fazer o seu filho dormir, cantava as musicas de ninar, chegando a chorar de saudades da infância, ao lado de sua avó que a criara com carinho.

O narrador mostra Ester como uma mulher que foi capaz de se sacrificar para viver ao lado do marido, deixando sua vida na cidade, para viver na fazenda entre cobras e matas. Uma mulher educada, que falava francês e tocava piano, passa a ser vista como uma mulher que foi capaz de se acostumar com a vida no campo, a vida que seu marido escolheu. O narrador procura valorizar um modelo de mulher, um modelo de família, a família monogâmica. Ester era vista como o “sexo frágil”, a mulher guiada pelo marido.

Ester levava uma vida difícil, via Horácio muitas vezes sair à noite para uma expedição qualquer. Sabia que naquela noite sairiam tiros, que homens morreriam por um pedaço de terra, que a fazenda do marido, que também era sua, aumentaria um pouco. E Ester muitas vezes ficava imaginando, ao ver o marido sair:

“Certa vez, depois dele partir, Ester se encontrou imaginando a morte de Horácio. Se ele morresse... Então as fazendas seriam somente dela, entregaria ao pai para administrá-las e partiria...Iria encontrar Lúcia...Foi porém um sonho curto. Para Ester, Horácio era imortal, era dono, o patrão, o coronel...Tinha certeza que morreria antes dele(...) Por isso ela não se embalou naquele sonho tão ruim e tão maravilhoso.”(AMADO; 1942:61)

Ester sabia que era casada com Horácio, o homem mais rico de Ferradas, o chefe político, dono de muitas terras plantadas de cacau, como também de muitas terras virgens. Mas Ester, apesar de ser rica, vivia chorando, chorava por tudo. Tinha tudo, mas para que? Para que vestidos elegantes e jóias, sem ter onde usar? Na fazenda, não precisava acompanhar a moda. Os belos vestidos, nem tinha onde usar. E seu marido não achava motivos para choro. Para ele, a esposa era uma tola.

Horácio prometeu à mulher que o filho deles não ia viver nas brenhas, mas que o “meteria” na política, para ser deputado e governador, pois era para isso que trabalhara tanto. Vemos assim, que o marido era o macho, aquele que decidia a vida de todos. Em dado momento da História, o marido pediu à mulher que caprichasse no jantar, pois à noite, teriam convidados. O Dr. Advogado iria jantar com eles na fazenda. Por isso, queria a mulher bem elegante e bonita. Não podiam fazer feio, não queria que fossem vistos como “bicho - do - mato”.

Ester ficou pensando no jantar. De Paris, Lúcia escrevia cartas, falava de festas, de teatros, de modas e dos banquetes que participavam. Ester vivia na fazenda e Horácio pedira a mulher para se arrumar, queria mostrar sua mulher fina e educada, educada em colégio de freira, uma moça acostumada a ler bons livros, a falar francês e, neste momento, Ester passava a ser algo que Horácio exibia para o seu convidado, uma mulher que sabia conversar. Horácio exibia para o amigo a “rainha do lar”. Enquanto isso, Ester pensava distante:

“Mas para Ester a sala não existia. Ela, com a presença do jovem advogado, fora bruscamente retirada da fazenda, jogada para os dias do passado. Era como se ainda estivesse no colégio de irmãs, numa daquelas grandes festas de fim de ano, quando dançavam com os rapazes mais finos e distintos da capital.” (AMADO; 1942:81)

A presença de Dr. Virgílio trouxe de volta a lembrança de seus bons tempos. O marido orgulhoso da esposa queria mostrar ao novo amigo, as qualidades da mulher, obrigando-a a tocar piano para ele e o advogado. Enquanto isso, Ester não conseguia tirar de sua memória a maneira como o marido a tratara no dia de seu casamento, chegando assim a sentir ódio do marido. Enquanto isso, o fato de Virgílio estar ali trazia lembranças boas de sua vida ao mesmo tempo em que trazia sentimento de desprezo pelo marido:

“Estava ligeiramente tomada pelo vinho, embriagada também pelas palavras de Virgílio, e seus olhos eram novamente os trêfegos e sonhadores olhos da normalista dos anos passados. E viram um Horácio transformado num grande porco sujo, igual a um que havia na fazenda e habitava os lamaçais próximo à estrada. E Virgílio surgia como um cavaleiro andante, um mosqueteiro, um conde francês, mistura de personagens de romances lidos no colégio, todos nobres, audazes e belos.”(AMADO; 1942:82)

A presença de Dr. Virgílio trouxe de volta os sonhos dos tempos de colégio. Ester com aquele desprezo que sentira pelo marido e, prometeu a si mesmo que ia vingar-se de Horácio.

## **1.2 Toda mulher casada tem um dono**

Mas não era só Ester que sentia as mudanças da vida de solteira e dificuldade de adaptar-se à vida de casada, Gabriela, a exemplo de Ester, também sentia dificuldades de adaptação.

Gabriela, antes de ser a senhora Saad, era a cozinheira mais famosa de Ilhéus, agora, porém, casada com seu Nacib, comerciante, dono do melhor bar da cidade. A senhora Saad teria que acostumar-se com a nova realidade. Sua vida depois do casamento mudara bastante.

“-Bié, escuta: você precisa se instruir, você é uma senhora. Tem de viver, de se comportar como a senhora de um comerciante. Não como uma mulherzinha qualquer. Tem que ir às coisas que a nata de Ilhéus frequênta. Para ir aprendendo, se instruindo, você é uma senhora.”  
(AMADO: 1958:318)

Gabriela agora era uma mulher casada e precisava se comportar como uma mulher “honrada”, e para que isso acontecesse precisava obedecer aos códigos de comportamento estabelecidos pela sociedade da época, ou seja, não era permitido que uma mulher honrada andasse desacompanhada, nem sair a qualquer hora, nem podia andar por determinadas ruas. A historiadora Margarete Rago, na sua obra *Os Prazeres da Noite*, mostra que a prostituição serviu como parâmetro para a liberdade feminina. E, desse modo, a boa dona de casa seria a mulher recatada, que vivia para a família e para a casa. E as fronteiras simbólicas foram instituídas, devendo ser respeitadas pelas moças e senhoras de famílias. Ou seja, agora tinha que obedecer as regras impostas pela sociedade, uma sociedade machista, com códigos de conduta que atendia aos interesses masculinos.

“Toda aquela lordeza, reunida, aquelas mulheres que a olhavam de cima, que riam dela. Gostava não. Por que seu Nacib fazia tanta

questão? No bar ele não a queria, tanto ela gostava de ir... Tinha ciúmes, era engraçado. Não ia mais, fazia a vontade, não queria ofendê-lo, tomava cuidado. Mas por que obrigá-la a fazer tanta coisa sem graça, enjoada? Não podia entender.” (AMADO: 1958:320)

Segundo seu Nacib, Gabriela precisava aprender a se comportar como uma senhora para que todo o povo de Ilhéus esquecesse que havia sido cozinheira e retirante. A literatura mostra Gabriela como uma mulher que, mesmo não gostando de participar das festas da sociedade, e acompanhar as mulheres, acabava cedendo para não desagradar ao marido. Os dias iam se passando, tudo era a mesma coisa, o dia-a-dia de Gabriela ia ficando cada vez mais monótono, e até o marido já percebera a sua mudança:

“Nunca se recusara quando ele queria. Não mais espicaçava porém como antes- a fazer-lhe cócegas, a exigir carinho e posse- quando ele chegava fatigado e se atirava com sono na cama. Ria somente, deixando-o dormir, a perna de Nacib sobre a sua anca- quando ele buscava, entregava-se risonha, chamava-o “moço bonito,” gemia em seus braços, mas onde estava aquela fúria de outrora?” (AMADO:1958:359)

O marido queria que sua mulher aprendesse a se comportar como uma dama, só não esperava que ela fosse também mudar de comportamento na cama. Estava inconformado, procurava os amigos para desabafar, mas Tônico Bastos e o tabelião mostravam a seu Nacib que o comportamento de sua esposa era normal, isto acontecia com todos os casamentos, o amor passava a ser: calmo, discreto e espaçado, não mais violento quanto os tempos de amante. Era uma boa explicação, porém não convencia. O marido sabia que tudo aquilo estava acontecendo devido aos desentendimentos. E o turco acreditava que tudo aquilo demonstrava que sua mulher estava muito mais zangada do que aparentava. O narrador demonstra os possíveis motivos para tanto, a seguir:

“Ela queria ir ao circo, ele a arrastava à conferência enfadonha, soporífera. Não a deixaria rir por um tudo e por um nada como era seu costume. Repreendia-a a todo o momento, por ninharias, no desejo de torná-la igual às senhoras dos médicos e advogados, dos coronéis e comerciantes.” (AMADO: 1958:360)

O casal muitas vezes saía de casa para visitar parentes e amigos, sem que o marido procurasse saber se sua esposa gostava daqueles passeios. Antes da visita, vinha um “veja como se comporta”, ela, porém, procurava saber o motivo de tantas exigências, mas sempre acabava cedendo aos caprichos do marido, cumprindo assim as suas determinações. Na cama, o marido não estava satisfeito com o comportamento da esposa e se queixava aos amigos do cansaço da mulher, e obtinha respostas como a seguinte:

“ Você parece não entender que esposa não é mulher dama. Amor de esposa é recatado. Não é mesmo você que quer minha afilhada como uma senhora de respeito. Comece na cama, meu caro. Pra se esparramar tem mulher sobrando em Ilhéus. E algumas são de outro mundo. Você virou monge, nem vai mais ao cabaré...” (AMADO: 1958:364)

Seu Nacib se perguntava a toda hora, por que casara com ela. Antes, era muito melhor. Para a historiadora Margareth Rago, que trabalha com questões sexuais, existe uma divisão entre a sexualidade conjugal, esta encerrada no quarto do casal, ficando exclusivamente nos limites da cama, e a sexualidade prostituída, pecaminosa, e paga por seus serviços, porém excitante e violenta.

Existem autores, a exemplo de Margareth Rago, que procuram denunciar a hipocrisia do casamento burguês, a mulher com uma sexualidade oprimida e confiscada na vida conjugal, ao passo que os homens agindo livres podendo fazer o que quisessem. Essa historiadora mostra que, no início do século XX, existiam escritoras, embora poucas, que procuravam denunciar o aprisionamento do desejo feminino, mostrando, assim, que, tanto mulher como homem tinha um instinto sexual igual. Rago também procura criticar a educação voltada para o “sexo frágil,” com o intuito de preparar o “anjo do lar,” em total dependência econômica e emocional do esposo.

O casamento assim, visto neste momento como um espaço de prisão, no qual a mulher deixa de ser ela mesma para viver a vida que a sociedade e o marido traçaram para ela.

“Para ela seu Nacib era tudo: marido e patrão, família que nunca tivera, o pai e a mãe, o irmão que morrera apenas nascido. Seu Nacib era tudo, tudo que possuía. Ruim ser casada. Besteira casar. Bem melhor fora antes. A aliança no dedo em nada mudara seus

sentimentos por seu Nacib. Apenas, casada, vivia a brigar, a ofendê-lo, todo dia magoá-lo. Gostava não, de ofendê-lo.” (AMADO:1958:367)

Para o casal, a vida a dois impunha limites, o que gerava motivos de sofrimento para Gabriela. O casamento então, passou a ser percebido como prisão; a vida mudara, mas mudara para pior. Mesmo se gostando, o casal só vivia brigando.

### 1.3. O coronel e o seu “rabo-de-saia”

Glória era a amante do coronel Coriolando, rico fazendeiro da região cacauceira, um homem pequeno e magrinho, porém muito temido. Sua família foi para a Bahia morar. Mal a família se mudou, o coronel Coriolando colocou Glória na casa que antes era de sua esposa. Para o povo da cidade, tal comportamento era motivo para muitos comentários. Segundo a historiadora Margareth Rago, quando isso acontecia, a exclusividade lhe era exigida, mas na literatura, não era diferente. Certo dia, o coronel Coriolando foi à casa de Tônico Basto para lhe dar um aviso:

“Vosmicê é moço bonito e lorde, tem muita mulher, é o que não lhe falta. Eu tou gasto e velho, minha mulher verdadeira já macheou, coitada dela! Só tenho mesmo a Glória. Gosto dessa moça e quero ela só para mim. Esse negócio de pegar mulher pros outros nunca foi de minha devoção.(...)”

- Que vosmicê não teve nada eu sei. Se tivesse tido, eu não tava aqui pra conversar, a conversa era outra. (...) O melhor é vosmicê fazer como os outros: virar a cara para ela. É assim mesmo que eu gosto. E agora, que vosmicê já está avisado, não vamos mais falar nisso.” (AMADO:1958:181)

Toda a cidade ficou sabendo do acontecido e, mesmo assim, Glória não saía da janela. Os homens de Ilhéus iam para o bar que ficava bem em frente de sua casa; havia aqueles que diziam que ela era uma necessidade social que devia ser reconhecida.

“Glória exerce importante função na sociedade. Com a simples ação de sua presença na janela, com o passar de quando em quando pela rua, ela eleva o nível superior um dos aspectos mais sérios da vida da cidade: sua vida sexual. Educa os jovens no gosto à beleza e dá



dignidade aos sonhos dos maridos de mulheres feias, infelizmente a grande maioria em nossa cidade, às suas obrigações matrimoniais que, de outra maneira, seriam insuportável sacrifício.” (AMADO: 1958:178)

Mas não só a literatura mostra esse papel que a prostituta desempenhou na sociedade. A historiografia também descreve a importância da prostituta na sociedade e como estas eram vista pelo povo. Era através delas que os moços de elite e de camadas menos favorecidas eram introduzidos na arte do amor. Era uma função bem recebida pela sociedade, isso porque se acreditava que desse modo, se garantiria a virgindade das futuras esposas e, sendo assim, os rapazes poderiam descarregar parte do “fogo interno”, numa fase da vida que os impulsos libidinais estavam fervendo.

A historiografia ainda nos mostra que as práticas ilícitas também tinham uma função civilizadora, visto que muitas prostitutas ensinavam aos homens como se comportar em determinadas situações e em determinados lugares. Muitas conheciam melhores os homens do que a própria esposa, conhecendo muitas vezes os seus segredos.

O narrador de “Gabriela, Cravo e Canela” mostra que muitos homens de Ilhéus quando dormem com as esposas é com Glória que estão dormindo. Mas muitos dos homens da cidade só ficavam na intenção, mas segundo João Fulgêncio quem ganhava com isso eram as esposas, as velhas e feias, pois como antes havia afirmado, Glória era de utilidade pública, necessidade social, elevando a nível superior a vida sexual dessa cidade.

#### **1.4. Mãe e filha com formação diferente**

Na obra “Fogo Morto,” da autoria de José Lins do Rego, o narrador mostra uma família, cuja mãe e filha, tinham uma formação diferente. D. Mariquinha, esposa do senhor de engenho, seu Tomás, era uma mulher muito trabalhadora, dividia o seu tempo com os afazeres domésticos: costurava, cozinhava, cuidava do marido e das filhas. Era a “rainha do lar,” exemplo de mulher e mãe. Enquanto dona Mariquinha vivia com as mãos calejadas dos trabalhos de casa, a sua filha Amélia foi levada pelo pai para estudar em Recife:

“A verdade é que uma filha fora para o colégio das freiras no Recife. Queria fazer de sua família gente de verdade. Não queria mulher dentro de casa fumando cachimbo, sem saber assinar o nome, como

tantas senhoras ricas que conhecia (...) A filha voltara dos estudos, uma moça prendada, assombrando as outras com os seus dotes. O Capitão Tomás comprou piano no Recife.” (REGO; 1992:123)

A citação mostra Amélia como uma moça de hábitos finos e educados. A civilização chegando ao engenho Santa Fé através dos modos requintados de Amélia. Ela sabia ler, lia bons livros, era a única moça da redondeza que sabia tocar piano, motivo de orgulho para a família. A literatura neste momento está valorizando a família monogâmica, um pai preocupado com a educação da filha. Uma família que procura cultivar hábitos civilizados. Essa civilidade é constatada pelas boas leituras de Amélia, pelas músicas tocadas no piano e pela maneira que ela conversa com as pessoas. Uma casa onde as mulheres não vivem em prosa com as “negras” na cozinha.

O tempo estava passando e D. Mariquinha estava preocupada com o futuro da filha. Amélia estava com idade de casar, era uma moça prendada. No entanto, não existia ali na ribeira homem à altura de Amélia: “que não batessem na sua porta que seu Tomás não dava a mão da sua filha.” “Melhor ficar para titia,” dizia o pai, “que casar com aqueles vadios que andavam soltos de canga e corda, comendo as negras dos pais, como pai d’égua.” Mesmo os rapazes que estudaram fora, não eram digno de Amélia. Para ver a filha casada com “aqueles animais”, preferia a filha solteira em casa. Pai e mãe sonhavam com um homem branco, de bons modos, capaz de fazer sua filha feliz. Porém, um dia apareceu um rapaz, vindo de Recife, era o primo Lula de Holanda, que veio visitar a família. Abaixo, vemos como ele foi recebido pela família:

“D. Amélia engraçou-se do primo. Agora o piano tinha mais sentimento, as varsovinas soluçavam, os dedos da moça eram mais leves. O primo calado no sofá, escutava a artista que caprichava nas valsas. A mãe orgulhosa da filha, abandonava mais a cozinha para fazer sala à visita.(...) A velha olhava-a para sentir bem o genro que viera de longe para fazer Amélia uma criatura feliz. Nunca aquele piano falava tanto sentimento. Amélia dedilhava como uma fada: o capitão ficava em silencio, escutando a filha, que dava sua alma ao primo Lula, nas músicas do coração que tocava.” (REGO; 1992:127)

E toda a família acreditava que aquele “príncipe” tinha vindo pra fazer Amélia feliz. Era um rapaz educado e bem vestido, com hábitos finos, lia jornal e estava bem informado. A família não tinha dúvidas: Lula era um rapaz à altura de Amélia.

D. Mariquinha sonhava uma vida diferente da sua para Amélia. Tomás era um homem bom e trabalhador, mas Lula tinha algo mais que Tomás, era amável e educado, capaz de fazer sua filha feliz.

O pedido de casamento foi feito, porém seu Tomás não deixou que a filha saísse do engenho. O engenho era pequeno, mas dava para todos. A mulher apoiara a decisão do marido; o genro foi recebido como filho. O tempo foi-se passando, e não durou muito a decepção do sogro, pois seu Lula não se interessara pelos problemas do engenho.

Amélia e Lula passavam o dia todo na sala, ela a tocar piano para o marido e ele sentado no marquezão da sala. Quando o pai dizia alguma coisa com o genro, a filha ficava magoada. O tempo foi passando e o genro não mudava. Amélia ficou grávida, a família encheu de esperanças, “quem sabe se agora ele não reage?” Um filho muda muito uma família, diziam os sogros. A criança nasceu, mas Lula continuava o mesmo. Seu Tomás foi ficando preocupado, estava ficando velho e o genro parecia uma “lezeira”, pois ainda não tomara uma tendência na vida. A seguir, vemos a admiração da sogra pelo comportamento do genro.

“A mãe achava bonito tudo aquilo. Assim devia ser um marido, homem que vivesse perto de mulher, como gente, sem aquela secura, aquela indiferença de Tomás. Felizmente que a sua Amélia encontrara um homem de uma natureza tão boa, tão amoroso. As negras elogiavam os modos do jovem senhor.” (REGO; 1992:132)

Enquanto D. Mariquinha admirava o genro, seu Tomás achava-o um banana, não lhe inspirava confiança. Essa desconfiança fazia com que D. Mariquinha tomasse a defesa do genro, dizia ao marido que queria ter mais filhas para casar com homens como o Lula, pois ele era homem que sabia como fazer uma mulher feliz. Embora chateado, seu Tomás junto da filha era manso e terno e fazia todos os gostos da menina.

A filha pedira ao pai para trazer do Recife um cabriolé do marido, e só precisaria comprar dois cavalos. Seu Tomás mandou que o genro escolhesse na cidade duas peças. E o velho Tomás se enchia de orgulho pela carruagem do genro. A civilização chegara ao engenho Santa Fé.

Os anos passavam e seu Tomás via que o genro não era homem para botar o engenho para frente. Seu Tomás ficou doente, e o genro não decidia trabalhar. Então D.

Mariquinha resolveu dar as ordens no seu engenho. Custava-lhe muito tomar aquela decisão. Era necessário e urgente, pois, no decorrer da safra, o genro não acudia às necessidades do engenho. Além do mais, quando Lula metia-se no engenho, lá vinham os problemas, os aborrecimentos. Mandava surrar os negros, sem necessidade, e, por isso, não teve o apoio da sogra. Lula se aborrecera, Amélia estava de cara fechada.

Enquanto Amélia e Lula viviam no piano, escutando música, D. Mariquinha comandava o Engenho e, desse modo, tudo dependia da ordem de D. Mariquinha:

“Agora D. Mariquinha pouco saía para as missas do Pilar. Ali em casa olhava para tudo, ordenava tudo. Os negros vinham tomar a bênção de manhã e de noite, o feitor chegava para pedir ordens. O Santa Fé não seria aquele da saúde do Capitão Tomás, mas ia andando com a energia da mulher de expediente de homem.”(REGO; 1992:141)

Embora ela tenha conseguido levar o engenho, não foi capaz de fazer como o marido. Na literatura, a mulher aparece numa condição inferior.

Um outro dia, D. Mariquinha chamou os negros para rezar e a filha Amélia “puxou” o terço. Todos rezaram pela dor terrível, que fizera o homem duro chorar. A voz de Amélia era muito terna e amável, amolecia os mais duros. Naquela noite, D. Mariquinha não dormiu, pensando na terrível dor do marido.

Sogra e genro não mais se entendiam. Os negros, toda hora, vinham contar-lhe suas vinganças. Ele parecia para a sogra como impiedoso, um desalmado. Ao pensar na doçura da filha, D. Mariquinha sentia medo do genro. Amélia estava do lado do marido, se queixou, rebateu as reclamações da mãe, embora não admitisse que se batesse em negros sem razão. A filha magoou-se com a mãe, porém não podia permitir gente sofrendo os maus-tratos sem necessidade. D. Mariquinha, então, tomou uma posição:

“Depois daquele incidente, seu Lula deixou de falar com a sogra. A princípio aquela atitude doeu em D. Mariquinha. Amélia procurava por todos os meios corrigir a falta do marido. Tinha pena da filha quando aparecia para agradá-la. Era um coração de ouro. Agora sabia que não seria feliz com aquele homem. Tomás era homem duro, sem agradar, sem muita conversa, mas tinha coração generoso. Muito sofria uma mulher casada com o marido assim. As negras compreendiam os sofrimentos da senhora.” (REGO; 1992:14)

D. Mariquinha era uma mulher de fibra, sabia o que queria, e tinha um propósito: queria que o Santa Fé continuasse como antes, quando o marido estava na frente do comando.

Na obra “Nas Margens”, de Natalie Zemon Davis, temos um exemplo de mulheres como D. Mariquinha, que, vivendo num mundo onde os homens mandavam, foi capaz de se sobressair e mostrar o seu trabalho, de mostrar o seu valor!<sup>1</sup> D. Mariquinha não se deixava intimidar e, mesmo com tantos problemas, foi capaz de administrar o seu território. E o Santa Fé era comandado com o amor e a garra da dona do engenho.

Com a morte do Capitão Tomás, genro e sogra não se entendiam, apenas brigavam. O genro fez exigências no inventário. Queria saber quanto em moedas de ouro o Capitão tinha guardado. Amélia enfureceu-se com o marido. Porém, seu Lula terminou dominando-a, mas D. Mariquinha não se deu por vencida, ela não cedeu. Todos os parentes vieram e tomaram o lado da viúva. Sem ter para onde correr, seu Lula teve que ceder. E o Santa Fé continuou sob o governo da sogra.

D. Mariquinha sonhava com a neta, mas o genro não deixava que a sogra se aproximasse. Às escondidas, quando o genro saía, a avó procurava a menina para colocá-la no braço, para sentir sua neta de verdade. A filha sofria, com a atitude do marido, mas Amélia não mandava em nada, era manipulada por ele. E D. Mariquinha chegava à conclusão que era melhor que a filha tivesse casada com um “camumbembe” qualquer. A vida de D. Mariquinha se modificara:

“A vida de D. Mariquinha se transformou assim num suplício. Via a neta dos braços da negra, ouvia o seu choro nas noites de insônia e não podia fazer o que seu coração mandava, o que o seu sangue pedia. Perdera o marido, sofria com Olívia, Amélia era só do marido. Esperava que a neta viesse como um bálsamo. E o genro criara aquela situação desesperada.(...) Amélia estava cada vez mais longe, mais fora de sua vida. E, coisa que nunca sentira, começou a odiar aquele homem sem piedade, aquele monstro que a maltratava com tamanha crueldade.”(REGO; 1992:147)

---

<sup>1</sup> C f. DAVIS, Natalie Zemon. Nas Margens Três Mulheres do século XVII Tradução: HILDEGARD FEISTP, São Paulo, 1997.p 65 e seg.

A literatura mostra o conflito de gerações. O narrador de Fogo Morto mostra o conflito entre o velho e o novo, entre o antigo e o moderno. E nesse conflito está ganhando o antigo: D. Mariquinha é vista como forte, corajosa, trabalhadora, enquanto o genro, o novo, é visto como preguiçoso, comodista e explorador, sem piedade, um monstro cruel.

Embora preguiçoso, comodista, com a filha doente, agia como um pai cuidadoso, com uma dedicação sem limite. O genro era, ao mesmo tempo, cruel e dedicado, cruel em se tratando da sogra, dedicado em se tratando da filha. Ríspido com a sogra e amável com a filha. Passaram os dias e a situação ficou insustentável: cada vez mais, sogra e genro brigavam. E foi depois de uma dessas brigas que D. Mariquinha adoeceu, e dois dias depois morria a senhora do engenho Santa Fé. As negras choravam, como se fosse a morte de uma mãe muito querida; todo o Santa Fé entristeceu.

E Amélia, com suas mãos finas, tomara o lugar das mãos encalejadas de sua mãe. E dona Amélia começava a perceber defeitos em seu marido, porém não tinha coragem para contrariá-lo. Percebia que havia exagero e cuidados do marido com a filha, e sentia que aquele papel devia ser seu, quando era só seu Lula que cuidava da filha:

“Por mais que temesse não se meteria a contrariar o marido. (...) Nunca vira uma pessoa exasperar-se tanto. Era como se ele tivesse se revoltado. Vira o que a mãe sofrerá com a malquerença de Lula. Pobre de sua mãe que se dera como uma escrava aos seus deveres. Fora ingrata com ela. Uma coisa que mais lhe doíam era pensar na morte dela, depois daquela noite da discussão com Lula. Tudo por causa de neném. Aquele amor de seu marido, aquele cuidado pela filha, não podia ser boa coisa para a criação da moça.” (REGO; 1992:153)

Seu Lula tomava o tempo cuidando de sua filha Neném, e sempre preocupado com o futuro da moça, da educação, em torná-la a moça mais educada da região. O pai pensava no casamento para a filha, mas não encontrava ninguém na região à altura de Neném; não daria a filha a “camumbembe” qualquer. Certo dia, sua mãe comunicou-lhe que a moça queria namorar o promotor de Pilar. O pai recebeu a notícia com desespero, maltratando mãe e filha. A raiva foi tanta a ponto de sofrer um ataque.

Amélia cada vez mais percebia os defeitos do marido e, por isso, sentia remorso de não ter ficado do lado da mãe nas brigas da velha com o genro. Agora via que sua mãe tinha razão. Eis como reagiu ao namoro da filha:

“Seu Lula, como um alucinado, não parava de falar. Preferia ver a filha estendida num caixão a se casar com um tipo à toa, sem família. A mulher quis responder-lhe e a sua voz fina não podia com os rompantes do Coronel Lula de Holanda. (...) D. Amélia e a filha estavam no quarto. A moça soluçava. Na sala o pai berrava, desesperadamente, como se ela tivesse cometido um crime. Ouvia bem as palavras de nojo de seu Lula.

-Namorar com um camumbembe, uma filha minha na boca do canalha de Pilar. Isto eu não permito, Amélia. Amélia venha cá com a menina.” (REGO; 1992:164)

De novo, a história de Amélia, se repetia: os pais queriam escolher o casamento da filha, não deixando-a casar com um “camumbembe qualquer.” Seu Lula pensava nos parentes de Recife, que “seriam moços para casar com sua filha Neném”. Neste período da trama, era muito comum casamento entre parentes e os pais se preocuparem em casar as filhas com pessoas de sua família, pessoas enfim, que eles já conhecessem bem. Enquanto isso, as moças não tinham o direito de escolher o seu próprio marido. E estas se guardavam para se entregar a um homem que além de não amar, em muitas vezes eram estúpidos, grossos, daí o dia do casamento passar a ser visto como uma noite de terror. É o que a literatura nos mostra: o fato de a jovem só conhecer o marido no dia do casamento.

Amélia passou a dar ordens e cuidar do engenho Santa Fé. E seu Lula passou a agir como um estranho para a mulher.

“O engenho na ultima safra quase que não moera por falta de animais. Fora ela quem, às escondidas de Lula, mandara comprar, com dinheiro que tinha guardado, uma parelha de éguas no Gurinhém. E assim puderam fazer aqueles sessenta pães de açúcar que deram um preço compensador, e descarregar os dez sacos de lã que conseguiram alguma coisa para o plantio da cana daquele ano. Ela nunca, em sua vida, tivera tempo para pensar naquelas coisas. Agora só ela pensaria no Santa Fé.(...) E pelas suas mãos começaram a passar as contas dos trabalhadores.”(REGO; 1992:177)

Como vimos, o autor José Lins do Rego, na sua obra “Fogo Morto,” trabalha muito bem a decadência dos senhores de engenho: o narrador mostra a mulher no comando do engenho, que caminhara para o fogo morto. E a dona do engenho sofre com tudo aquilo, comparando ao tempo do pai, em que havia uma dispensa cheia, com fartura. Era só ela

que pensava no Santa Fé, aquele engenho que tinha sido o seu pai que levantara. E agora precisava vender os ovos para sustentar a sua família. Embora em decadência, a senhora do engenho desfilava em carruagem coberta de jóias:

“Dona Amélia, de cima de sua carruagem, enfeitada de trancilins, com os dedos duros de anéis de ouro, sentia o abandono da terra de seu pai, como se visse um filho no desamparo. (...) Os cavalos magros que puxavam agora o cabriolé não davam trabalho às mãos tremulas do velho boleeiro. A carruagem ia chegando. D. Amélia via subir no meio do mato verde o bueiro sujo do engenho. Fumaçara anos e anos; perderam-se pelo céu azul, pelas nuvens brancas, os rolos de fumo do bagaço queimado nas fornalhas.” (REGO; 1992:179)

O narrador de Fogo Morto mostra uma história cíclica, em que três gerações de mulheres - mãe, filha e neta, - tiveram que se casar com os próprios parentes, em casamentos escolhidos pelos pais. Também, com a falta do senhor de engenho, o chefe da família, o comando do engenho passou para a mão das mulheres, a princípio D. Mariquinha, depois Amélia. O autor, além disso, mostra uma luta entre o antigo e o moderno, o não civilizado e o civilizado, o arcaico e o novo, o “sexo frágil” e o “sexo forte”, o bem e o mal.

Embora desse o que falar, a mulher continuou no comando do Santa Fé, tornando-se assim o homem da família.

### **1.5. Ela era apenas uma menina**

O escritor baiano Jorge Amado, na sua obra Jubiabá, demonstra a presença de um narrador que trabalha a prostituta pobre como vítima, numa situação sócio-econômica, que faz das mulheres, prostitutas. Ele conta a história de uma menina de doze anos que se chamava Arminda, filha de sinhá Laura, uma menina feliz que, depois do trabalho, corria pelos campos com sua meninice. O tempo de meninice passou rápido e, apenas com doze anos, a jovem trabalhava com o rosto angustiado, pois fazia uma semana que sua mãe estava estendida em cima de uma cama, com uma doença desconhecida. Antes era uma menina alegre e tomava banho no rio, nadando como um peixe, deixando os homens



excitados com o espetáculo do seu corpo de menina. Agora, precisa trabalhar para não morrer de fome.

Depois de uns dias, a mãe morria. Já na sentinela, os homens começaram a pensar na menina sozinha. O negro Filomeno, com um plano na cabeça, pensava na frescura de sua carne moça. Sua amiga Totonha recebia as visitas que vinham para sentinela, enquanto Arminda chorava na sala a morte da mãe. Antônio Balduino e Filomeno espiavam e faziam planos. Olhavam para os seus seios, duros e carnudos, seios de menina de apenas doze anos. Mas entre a menina e os rapazes estava a falecida mãe bem próxima, cuidando bem da filha. Antônio Balduino, num momento em que sente que a morta não está lhe espiando, aproxima-se de Arminda e pede um gole d'água.

“Ela se levanta. Vão para o quintal, no fundo onde está uma tina d'água e um caneco. Arminda se curvou para encher o caneco e pelo decote do vestido Antônio Balduino vê os seios. Então segura nos braços da menina e girou com ela que ficou de frente para ele, olhando-o espantada. Mas ele não vê nada a não ser aquela boca e aqueles seios que estão na sua frente. Vai apertar o abraço e a sua boca se dirige para a boca de Arminda, que ainda não compreende, quando os olhos da defunta chegam e se colocam entre os dois.”  
(AMADO; 1935:177)

E sem que a dor da morte da mãe houvesse sarado, segundo o narrador, diz-se que a menina foi apanhada por Zequinha, seu capataz. Antônio Balduino não conformado mata Zequinha com um punhal e foge pelas matas. Mas o caminho ficou aberto para o negro Filomeno que não perdeu tempo e levou a menina para sua casa. Essa era a lei das plantações de fumo. Mulher ali era raro, e quando não havia sem homem, logo se encontrava o seu dono. Segundo a narrativa, pior seria se fosse para a rua das mulheres nas cidades grandes. É isso que os homens da plantação pensavam. Isto sim seria uma malvadeza com uma menina de doze anos e não daria para quem quisesse. Depois ficaria velha, tomaria cachaça, os seios murchariam, teria doenças ruins e parecia ter quarenta anos no dia que completasse quinze.

A literatura nos mostra a violência e a brutalidade da vida nas fazendas, mostrando assim que o pudor era o que menos contava naquele mundo das plantações de fumo.

## 1.6. A prostituição nos engenhos: para homem sinal verde, para a mulher punição

No livro “Menino de Engenho,” de José Lins do Rego, o narrador mostra a prostituição como algo bem presente no dia-a-dia. Desde cedo, as crianças eram acostumadas a ver cenas de sexo nos currais.

Tia Maria e os meninos saíam nos passeios pelos engenhos, e cruzavam com mulheres de pés, de chinelo batendo no calcanhar e flor na cabeça; os moleques diziam que eram as raparigas do Pilar, que iam fazer a feira em São Miguel. Elas não traziam nada: as mãos estavam limpas, abanando. No mundo da bagaceira, o narrador deixa claro que não existiam espaços diferenciados para “famílias direitas” e “prostitutas”.

Zefa Cajá era a prostituta mais conhecida da região. E Zé Guedes, na companhia dos meninos, parava na porta dela, e começava uma conversa comprida cheia de ditos e sem-vergonhices. Com os meninos pelos caminhos, continuava as suas lições: falando de mulheres e de doenças do mundo. Por fim, passavam pela estrada apontando a casa das mulheres.

“-Aquela ali já foi passada. Quem manda nela é o Dr. Juca.  
E eu ia sabendo que o meu tio Juca tinha mulata em quem mandava.  
De uma feita desceu numa casa de palha, onde só morava uma  
negra. Ficou lá dentro uma porção de tempo. Quando saiu, ouvi a  
mulher dizendo:  
- Não vá se esquecer do corte de chita, seu xeixeiro.” (REGO;  
1989:34)

Essa era a vida da bagaceira, essa era a maneira como os meninos eram criados e introduzidos no sexo. E quando crescia não tardavam, e, quando menos se esperava, lá estavam beirando as taperas de palha.

“Tinha uns doze anos quando conheci uma mulher, como homem.  
Andava atrás dela, beirando a sua tapera de palha, numa ânsia  
misturada de medo e vergonha. Zefa Cajá era a grande mundana dos  
cabras do eito. Não me queria.  
- Vá se criar menino enxerido.

Mas eu ficava perto conversando com ela, olhando para a mulata com vontade mesmo de fazer coisa ruim. Ficou comigo uma porção de vezes. Levava as coisas do engenho para ela - pedaços de carne, queijo roubado do armário; dava-lhe o dinheiro que meu avô deixava por cima das mesas. Ela me acariciava com uma vontade animal de amor: dizia que eu tinha gosto de leite na boca e me queria comer como uma fruta de vez. Andava magro.” (REGO; 1989:115)

E o menino saía toda hora de casa e ia conversar com Zefa Cajá, depois do café, do almoço e do jantar. Mas logo isso chegou aos ouvidos do avô, mas este não disse nada. E certo dia, quando o velho reclamava com o filho Juca por causa de uma mulata, ouvia a negra Generosa dizendo: “- Quem fala quando era mais moço, parecia um pai d’égua atrás das negras”. Com apenas doze anos, o menino apanhou doença do mundo. Em seguida, souberam na casa grande e houve um escândalo, pelo fato de um menino jovem já ter contraído gálico. Para o homem, isto era motivo de orgulho, sinal de virilidade. Mas Zefa Cajá era uma prostituta pobre, saía com muitos, e não se cuidava. E a sífilis aparecia assim, como sinal de sujeira, descuido, pobreza, miséria. Para a mulher, a repressão, ou seja, Zefa Cajá foi punida, colocada na cadeia, enquanto que o menino apenas ficou desconfiado com vergonha de olhar para o povo.

Na senzala, onde moravam as negras na parede de barro, havia sempre santo dependurado, e, em um dos cantos, havia a cama de vara duras, onde há muitos anos fazia o seu coito e paria os seus filhos. Não existia marido de nenhuma e viviam sempre de barriga enorme, perpetuando a espécie sem medo. Quando estavam nas palestras entre elas, contando as suas aventuras amorosas, logo mudavam de assunto quando viam outras pessoas.

“E no entanto recebiam os seus homens no quarto com os filhos. O meu primo Silvino nos contou um dia o que vira no quarto da negra Francisca:

- Zé Guedes numa cama de vara ringindo.

E todo ano pariam o seu filho. Avelina tinha filho de Zé Ludovina, do João Miguel destilador, do Manuel Pedro purgador. Herdavam das mãos escravas esta fecundidade de boas parideiras.” (REGO; 1989:57)

No mundo da bagaceira, a prostituição era vista como natural, a boa negra era a boa parideira, que todos os anos colocavam filho no mundo. E, desse modo, o eito estava sempre se renovando com os filhos das negras.

O narrador de Menino de Engenho também mostra a história do velho Duda do Riachão, que não gostava de mulheres. Uma de suas filhas fugira com um cambiteiro. E o velho casou a segunda vez.

“E sempre que a mulher estava para dar à luz, ficava o velho beirando o quarto. Chorava menino lá dentro. Batia a porta para a parteira, sabendo o sucedido. E se a notícia era ruim, o velho Duda só fazia dizer: - ‘Acabai com ela’.” (REGO; 1989: 70)

Isto nos mostra como o homem se achava dono da mulher, acreditando assim ter o direito de dispor até da vida das filhas. Por outro lado, também vemos o ressentimento por a filha ter fugido, isto é, a tristeza de ter uma filha “perdida”.

### **1.7. Primeiro um pedido de casamento, depois a prostituição.**

No Nordeste, muitas das vezes as meninas eram iniciadas na prostituição por um coronel, um filho de fazendeiro ou pessoas de posição que se aproximavam da moça e da família ganhando a confiança de todos e que, com um pedido de casamento, ia cada vez mais conquistando a moça até conseguir o que queria, e depois, se distanciava de todos, e a jovem, sem mais ter o que “perder,” caía na prostituição.

Jorge Amado, na sua obra “Terras do Sem Fim,” o narrador conta a história de três irmãs unidas nas carreiras, nas gargalhadas e no destino.

“Cortaram as tranças de Lúcia, cresceram seus seios redondos, suas coxas como colunas morenas, cor de canela. Veio o patrão e a levou. Leito de cedro e penas, travesseiros, cobertores. (...) Violeta abriu os olhos, seus seios eram pontuados, grandes nádegas em flor, onda no caminhar. Veio o feitor e a levou. Cama de ferro e de crina, lençóis e a Virgem Maria. (...)”

Maria a mais moça das três, de seios bem pequeninos, de ventre liso e macio. Veio o patrão não a quis. Veio o feitor, não a levou. Por último veio Pedro, trabalhador da fazenda. Cama de couro de vaca,

sem lençol, sem cobertor, nem de cedro, nem de penas. Maria com seu amor.” (AMADO; 1942:118)

O narrador mostra o destino das três irmãs: Lúcia com o patrão, Violeta com o feitor e Maria com um trabalhador. Mas não demorou muito: patrão e feitor foram levando tudo o que trouxeram, inclusive a cama. E Maria, que se casara com o trabalhador e com ele fora morar nas fazendas de cacau, também ficou sem o seu amor. Ele se fora, levando apenas o caixão. Com a morte de Pedro, Maria une-se às irmãs no mesmo destino.

As três vão morar em Ferradas, um lugarejo que estava começando numa rua pobre, de barro batido, de casas baixas, algumas de palha, poucas de telhas e outras de zinco. Ali, viviam as rameiras, para ali vinham os trabalhadores das fazendas em busca de amor. E lá encontravam:

“Mulheres de caras machucadas, mulatas, negras, uma e outra branca. Nas pernas e nos braços, por vezes no rosto, marcas de feridas. Havia no ar um cheiro de álcool misturado com perfume barato.” (AMADO; 1942:123)

O narrador descreve a casa das prostitutas como um lugar de miséria, pobreza, freqüentado por trabalhadores da roça, que não tinham recursos. As prostitutas vistas como sujas, com feridas, caras machucadas, com cheiro de álcool. Um lugar freqüentado por pessoas muito pobre. E lá existiam mulatas e negras e poucas brancas. O contrário do cabaré de luxo descrito por Margareth Rago, onde a maioria das mulheres eram brancas e européias, requintadas e civilizadas. Mas, não só em São Paulo existiam prostíbulos de luxo. Nas capitais nordestinas, a exemplo de Recife, Salvador e Paraíba, existiam os cabarés de luxo para onde iam os usineiros e os plantadores de cacau. É o que nos mostra o narrador de “Usina,” no exemplo de Dr. Juca, usineiro da Paraíba, que gostava de fazer figura com as mulheres e estas usavam as táticas para tirar o que pudesse do amante.

“No Recife Clarinda o achara mudado. (...) Clarinda tinha o que precisava. O seu solitário era a maior pedra de toda a zona. (...) Agora só desejava mesmo uma pulseira de relógio, toda cercada de brilhantes. Vira uma no cinema no braço de uma artista. Na vitrine do Regulador da Marinha vira uma que era um encanto. Pediria ao usineiro. Custava cinco contos. O dr. Juca achava que era uma fortuna. Mas Clarinda soube fazer o seu serviço: ele não dava porque já tinha outra para gastar com ela. Era uma infeliz. Não valia mais nada. E ficou

para o fundo da cama, chorando como uma menina de castigo. No outro dia a pulseira brilhou no seu braço, igualzinha àquela que vira na artista.”  
(REGO, 1993: 96)

E Clarinda, com sua “maneira de fazer,” procurava tirar o máximo de seu amante, utilizando-se de suas astúcias<sup>2</sup>. Este, sem querer desgostar a menina, cada vez mais ia fazendo as suas vontades. E ela continuava morando no cabaré de luxo do Recife.

“Por mais uma vez quisera terá-la daquela pensão. Ela não queria porque tinha medo de ficar só, isolada, sem conversa. E depois gostava tanto de Jacqueline, a francesa fizera dela uma filha, no trato que lhe dava. E o dr. Juca consentira que ficasse morando lá mesmo. Clarinda gostava de jóias, de andar com solitários de contos nos dedos. O dr. Juca nunca lhe fizera cara feia para pagar uma conta no Krause. (REGO, 1993:149)

Mas Clarinda não se dava por satisfeita e quando o amante menos esperava lá vinha a menina pedir mais. Agora pedia ao amante para passar um mês no Rio de Janeiro e sem saber dizer não à menina, ela conseguia o que queria.

Em “Terra do Sem Fim,” o narrador conta a história de Margot que vivia na capital baiana, nos cabarés de luxo, e lá se apaixonou por Virgílio que ficando órfão e sem poder mais bancar os estudos, passa a ser sustentado por Margot.

Depois de formado em direito, Dr. Virgílio passa a morar em Ilhéus e trabalhar para o coronel Horácio esposo de Ester, um dos maiores plantadores de cacau da região. Diante disso Margot, que era apaixonada por Virgílio, pega um navio e viaja para Ilhéus, à procura de Virgílio. E um dos viajantes do navio procura conversar com a moça:

“- Vai para Ilhéus?  
- Vou , sim.  
- Vai para ficar?  
- Sei lá...Se me der bem...  
- Tu estavas na pensão de Lísia, não estavas?  
- Hum... Hum...- e balançou a cabeça.  
- Eu te vi lá, no sábado. Por sinal que estavas com o doutor...”  
(AMADO,1942:39)

---

<sup>2</sup> CERTEAU, Michel de A Invenção do Cotidiano: 1 Arte de fazer tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, Rj: Vozes, 1994. p 45 e seg.

No navio, os homens procuravam saber quem era aquela mulher e para onde ia. Mas a moça não queria muita conversa, procurava aproveitar um pouco a viagem, contemplando a paisagem do mar. Mas Juca Badaró, gostou da moça e procurava, a todo custo, conquistá-la. O viajante tentava mostrar a moça o quanto Juca Badaró era temido na região. E a moça mostrou logo ao viajante o motivo de sua viagem.

“- Tu não me viu no sábado dançando com Virgílio? Pois ele está em Ilhéus, eu vou ver é ele.

- É verdade... Estava me esquecendo... Ele está por lá, sim. Advogando...”(AMADO,1942:40)

E a moça partia da capital em direção a Ilhéus , deixando para trás tudo que havia vivido , em busca do seu grande amor.

O narrador ainda descreve a morte do pai das três mulheres: “Morando só, não tendo ninguém, os seus amigos trabalhadores vão à procura das filhas, que há muitos anos não viam o pai. Este se afastara com vergonha e raiva das filhas perdidas<sup>3</sup>. O que eles encontraram foi: as três filhas vivendo em tamanha miséria, que não tinham como fazer o enterro do pai, sendo necessário recorrer aos amigos, que foram solidários fazendo o que podiam. Os homens que as conheciam desde criança comentavam:

“-Conheci quando era menina... Era uma lindeza. Depois foi uma moça bonita como quê... Quando casou com Pedro. Hoje nem parece.

-Ainda tem uns traços...

-Essa vida de rapariga come a beleza de mulher em dois dias...”  
(AMADO; 1942:127)

O narrador mostra a prostituta como vítima do destino, vítima da pobreza. Uma vez caída no “erro” não tinha mais como levantar. Vivia no fundo do poço, sem ter quem lhes desse uma oportunidade para mudar de vida. No velório, os homens começam a conversar e mostram o coronel Teodoro como uma pessoa influente, amigo dos Badarós, coronel muito rico, conhecido por todos. Mas, para Lúcia, era um miserável, um bandido,

---

<sup>3</sup> Segundo Marta de Abreu Esteves : Perdida no começo do século XX, no Rio de Janeiro era como se chamavam as meninas de rua que não eram mais virgens.

um aproveitador que ficava ao lado de quem lhes desse mais vantagem. Ela sabia o que estava dizendo:

“Tu é que bem sabe, foi amásia dele foi ele que te descabaçou.

Lúcia ergueu o busto, os olhos com raiva:

-Aquilo é o pior miséria do mundo. Não há homem tão desgraçado.

-Mas é valente... - falou um homem.

-Valente pro lado de mulher-era a voz de Lúcia-Quando quer comer uma fica mais manso que um passarinho. Tou me lembrando comigo. Vinha pro meu lado, era um presente todo dia, um corte de fazenda, uma sandália, um lenço bordado. E promessa de fazer medo. Me prometeu casa em Ilhéus, me prometeu vestido, até aquele anelão de brilhante que usa no dedo midinho. Prometeu tudo até que eu fui na conversa e dei pra ele... Depois, promessa foi um dia... Me largou foi na rua de mulher dama e sem a benção de meu pai.”  
(AMADO; 1942:126)

A prostituta era concebida como a mulher que sentia prazer, mesmo sem amar e sem ser amada. Por outro lado, via-se a separação entre o erótico e o amor. E o sexo, neste momento, era tido como pecado e doença. A prostituta aparece como necessária fazendo parte dos lugares que servem para liberação das fantasias sexuais, para o desfrute do prazer, para a “descarga” das energias libidinais masculinas, ou seja, a meretriz era importante porque vivia a serviço do homem. Ainda mais, era vista como uma mercadoria, aquela que vendia o corpo no mercado. E o que se via, eram pessoas pobres que o que ganhavam não dava nem para viver. O narrador de “Terras do Sem Fim” passa um retrato da prostituição pobre, a mulher com muita mágoa, sentida pela vida que leva, achando que o próprio pai tinha razão ao ter se afastado das filhas e ter vergonha delas. Elas eram consideradas marginais, levando uma vida de pecado.

Lúcia tinha razão para não gostar do coronel Teodoro:

“-E quando morreu Pedro, que tinha casado com Maria, na mesma noite do enterro, o coronel apareceu na casa dela com a conversa de oferecer seus préstimos. E não respeitou nem a dor da pobre, foi ali mesmo, na cama que ainda tava quente do corpo do marido... Aquilo é pior que a desgraça... Houve silêncio.” (AMADO; 1942:126)

O narrador mostra a prostituta como uma pessoa que não tinha defesa, pobre, sem dono, e sem marido, que já havia morrido. Por isso, estava sujeita aos caprichos do



coronel, visto como forte, corajoso e cruel. Na obra “Terras do Sem Fim,” um trabalhador desabafa: “Negro só tem filha para ir para a cama de branco.” deixando claro a revolta e a impotência do pobre contra o rico, o branco.

José Lins do Rego, a exemplo de Amado, também mostra nas suas obras como os coronéis pareciam um “pai d’égua”, correndo atrás das negras e das moças pobres. O narrador de “Pureza” conta a história da família Cavalcanti. Margarida, a sua filha mais velha, conheceu o primeiro namorado, um rapaz simples que trabalhava numa loja. A mãe, quando soube, não gostou, achou-o um Zé - ninguém.

Margarida tinha apenas 16 anos; ela e sua irmã Ana Paula eram moças bonitas. E sempre apareciam pretendentes.

“O grande amigo do chefe era o major Luís de Oliveira, do engenho Murim. Os presentes não deixavam de chegar na estação. Eram sacos de açúcar, cargas de milho, quartos de porcos, cestas de laranjas. (...) O major Luís de Oliveira já havia convidado a família do chefe para fazer uma visita a seu engenho. (...) A casa grande vivia deserta, os quartos vazios. Aí D. Francisquinha pensou na sorte da filha. Por que Margarida não se casaria com o major Luís de Oliveira? Seria a salvação de todos. (...) Não precisava que lhe oferecessem, pois ele já estava com a moça de olho. E Margarida foi se entregando aos agrados dele.” (REGO; 1994:51)

Dona Francisquinha tudo fez para que Margarida rompesse o namoro com o vendedor da loja, rapaz pobre e sem futuro. Margarida acreditava na boa intenção de sua mãe, achando que o que ela fazia era pensando no bem das filhas. Aos poucos, a moça foi se envolvendo com o major. Era um homem bonito, de conversa agradável, e se vestia bem. Ele era simpático com D. Francisquinha e tinha um bom relacionamento com o seu pai. Já estavam pensando em casamento. Inclusive, o povo de Sapé já perguntava pelo dia. Em casa, já começavam a organizar o enxoval da moça. Comprando labirinto, a renda da terra, mãe e filha trabalhavam nos bordados. A esposa estava preocupada com o comportamento do marido, que só vivia de farras e de jogos. Chamava a atenção do marido, abrindo-lhe os olhos, pois tinha duas moças para casar. Estava na hora do pai pensar mais nas filhas quem queria um sogro que não se desse o respeito. E cada dia mais, o namoro de Margarida estava mais animado. O casamento já estava marcado.

“O major estava dono da casa. Entrava e saía na estação como na casa-grande de seu engenho. Aos sábados iam D. Francisquinha e as meninas dormir no Murim. Passavam o domingo. D. Francisquinha ficava como dona da casa. Maria Paula ajudava e Margarida saía com o major em passeios a cavalo. O casamento estava marcado para o São João.” (REGO; 1994:52)

Em Sapé, o povo comentava que o major era um homem rico, e que enjeitara muito casamento com moça rica, mas que agora ia se casar com Margarida, uma menina pobre, filha de um chefe de estação. A mãe estava orgulhosa da filha. A sorte estava na sua casa, a mãe estava radiante, a filha tinha sorte de encontrar um casamento com um homem de posição. O clima da casa do chefe da estação era sempre de muita alegria. Na casa de D. Francisquinha, o gamofone vivia a tocar. Vinham visitas de todas as partes, as mulheres e as filhas dos grandes senhores de engenhos iam para lá enquanto esperavam o trem, até que a desgraça aconteceu.

Ninguém via mais o major no Sapé. Ele não aparecia mais nem para tomar o trem. Uma, duas semanas sem aparecer por lá. D. Francisquinha desconfiou, sua filha chorava pelos cantos da casa. Ela estava desconfiada: Por causa daquela ausência como também daquele choro, algo havia acontecido. Exigiu que a filha confessasse. A mãe caiu em desespero, Margarida nunca tinha visto uma cena tão triste. A felicidade de sua mãe havia acabado. O pai não reagiu.

“Vi a desonra da filha, viu a mulher ferida de morte e continuou na roda de Simplicio Coelho, jogando. (...) E D. Francisquinha, vendo o marido quieto, saiu para defender a filha. Foi ao delegado e o homem pôs-se de fora. Não valia a pena. O melhor era calar, esconder a coisa o mais possível. Quem iria bulir com o major Luís de Oliveira, um homem rico, amigo do coronel Trombone? O melhor era fazer como se não tivesse acontecido nada. (...) No Sapé não havia juiz. Mas D. Francisquinha não desanimou. E sem que o marido desconfiasse, a pretexto ir se receitar, subiu as escadas do Palácio do governo, para pedir proteção ao governador. Contou tudo. E voltou radiante com a audiência. Esperou um dia, uma semana, um mês, um ano. O major Luís de Oliveira passava pela estação bem livre do seu.” (REGO; 1994:53)

A literatura mostra D. Francisquinha e sua filha Margarida como vítimas do coronel, de um pai que não se dava ao respeito, da justiça que estava ao lado dos

poderosos, e dos homens, de um governo que pouco caso fazia dos problemas das pessoas simples. O coronel aparecia assim, acima de qualquer justiça. Ele aparece na literatura como algo inatingível: todos estavam ao seu lado, até o pai da ofendida. Para a mulher só restava esconder o caso, calar-se, era melhor, foi o que lhes disse o delegado. Justiça por tanto, era para poucos, só para os ricos e homens.

Depois de tudo ter acontecido, Antonio Cavalcanti ainda era amigo do major. As mulheres da cidade estavam revoltadas. “O chefe não tem sentimentos,” diziam elas a D. Francisquinha. Tamanha era a vergonha que D. Francisquinha providenciou logo a transferência; não conseguia mais morar naquela cidade. E tanto fez que se mudaram para o engenho dos Reis. O lugar era triste, assim como Pureza. Só existia a estação e um engenho abandonado. E nem naquele deserto sua família vivia em paz. Apareceram vários pretendentes para Margarida: homens casados, caixeiros viajantes. Depois começaram a chegar presentes: Sinhozinho, senhor de engenho ali de perto, muito conhecido em toda a região, começou a se aproximar da família. E aconteceu o que D. Francisquinha mais temia:

“Vinha tomar o trem, todos os dias, um senhor de engenho, o conhecido Sinhozinho. O homem ficava conversando com o chefe, mas a intenção dele D. Francisquinha sabia qual era. O engenho era perto. Começaram a chegar os presentes. E o coronel Sinhozinho com agrados, até que se deu o que D. Francisquinha esperava. Margarida aceitava-o. Margarida perdia a cabeça.” (REGO; 1994:54)

E D. Francisquinha sentia que Margarida estava fugindo do seu controle. A mãe, apesar de gostar muito da filha, viu que já não tinha mais o que fazer por ela. E a atitude de Margarida fazia crer que ela se deixava dominar pelas paixões, deixando ser enganada facilmente. Margarida aparecia assim na literatura como uma moça pobre que se deixava trocar por presentes como: milho, feijão, agrados de pouco valor. Então o “sexo frágil” caía nas garras do “sexo forte,” em troca de uma vida melhor. E a fama do coronel maduro e endinheirado que conquistava as moças pobres e ingênuas exibindo assim a sua virilidade, fazia vítimas as meninas pobres fazendo sua vaidade crescer pela sua capacidade de conquistas amorosas, e mostrando a todos o seu poderio.

D. Francisquinha não tinha dúvidas, e todos os cuidados de agora em diante, seriam canalizados para Maria Paula a sua filha mais moça. Passado algum tempo, a mãe desconfiou da amizade do marido. E os dias da estação dos Reis continuavam como sempre, aquela melancolia. Antônio Cavalcanti queria mudar-se, pegou-se com o engenheiro inspetor da estrada. O homem via com atenção a família de Antônio Cavalcanti. O engenheiro não saía de sua casa. O doutor prometeu a transferência.

“E Maria Paula foi dada pela estação de Campina Grande. A dor de D. Francisquinha foi mais comprida do que da primeira vez. Ficou de cama, envelheceu, andou dias e dias com uma leseira pelo meio da casa. As filhas davam-lhe os maiores desgostos, mas gostavam muito da mãe.” (REGO; 1994:54).

Campina Grande era vista como a maior estação do interior, só perdendo para a capital. O cargo de Antônio Cavalcanti era importante. Porém todos sabiam da fama de suas filhas. Os rapazes ricos da cidade e os homens rodeavam as moças, e Antonio Cavalcanti era chamado para todas as festas que apareciam. D. Francisquinha não saía, só não morrera porque desgosto não mata. Ela sofria, em saber que as filhas eram de um e de outro. Só tinha uma coisa a fazer: impedir que as filhas ganhassem o mundo.

“Ao menos que as filhas não se sumissem, perdendo-se por esse mundo afora, entregues ao destino, mulheres perdidas, queridas, abandonadas, felizes e infelizes, pobres, levadas pelos ventos ruins. E assim ela ia vivendo para a sua casa, cozinhando, lavando roupa, cozendo. Desejava porém que elas não se fossem, as suas duas pobres meninas.” (REGO; 1994:55)

E a mãe, mesmo sabendo que suas filhas viviam lhes dando desgosto, queria evitar um mal maior, preferia que vivessem em casa, bem junto dela, ajudando nos serviços domésticos. Não queria que as filhas desaparecessem pelo mundo sem saber onde andavam.

### 1.8. Uma mulher acima de qualquer suspeita?

Luísa era esposa de Adrião e, como todas as mulheres “honradas”, vivia parra a sua casa, para os filhos e o marido. Era a “rainha do lar”, passava o dia nos afazeres domésticos, dando ordens aos empregados da casa. Sempre que saía de casa, estava acompanhada do marido ou com mulheres mais velhas.

Luísa era jovem, usava roupas com decotes baixos e cabelos curtos deixando assim as mulheres mais velhas indignadas com sua imoralidade. Ela era franca, movimentos delicados, riso claro, olhos azuis e grandes, com seus vestidos escassos cobrindo somente parte do corpo, um corpo belo que podia ser mostrado completamente nu. Mas Luísa:

“Diante das visitas, era reservada: não ia além de uma ou outra frase risonha lançada na conversação. Em família, tornava-se expansiva. É o que se observa entre as senhoras do nordeste. Como os homens aqui são identificados e não raro brutais, elas se esquivam, tímidas”.  
(RAMOS; 1972:76)

Luísa era conhecida por suas virtudes raras, atenta à desigualdade social, às vezes se revoltando. Procurava defender os mais necessitados, com idéias justas e de bons sentimentos. Tinha compaixão de tudo, se posicionava em favor dos mais pobres, mostrava o exemplo do sapateiro que, mesmo trabalhando o dia todo, o que ganhava não dava para manter a mulher e os filhos: uma mulher doente, tísica e uma ninhada de filhos para dar de comer.

João Valério era seu empregado e mantinha uma relação de amizade com Adrião, esposo de Luísa. No entanto, o rapaz, sem que Luísa esperasse, deu-lhe um beijo no pescoço. Dias depois, cauteloso, nervoso e arrependido, sem saber o que dizer, procura Luísa para desculpar-se.

“-Nem sei como principiar. Nem sei o que vou dizer.  
- Pois não diga, murmurou Luísa  
Procurei decifrar-lhe a intenção, o que não consegui.  
Perfeitamente sossegada. (...)  
E senti um imenso desalento.  
-Mas essa generosidade é terrível, desabafei quase colérico.  
- O Valério está exaltado. Não pensemos mais nisso.

-Não pensar? É o meu pensamento. A senhora depositou confiança em mim... Sou um canalha. O que eu queria saber é por que me trata dessa forma. Por que é? (...)

-Quando voltei, não esperava ser recebido assim.

Fala comigo como se eu prestasse. Por que?". (RAMOS: 1972:79)

Valério, como todos os homens da cidade, acreditava na fidelidade e honestidade de Luísa, portanto achava que a tinha magoado com aquele beijo. No entanto, ela não via aquele ato como ofensa e nem desrespeito, portanto não era motivo para merecer desculpas.

Luísa e Adrião pareciam um casal perfeito, saíam e se divertiam juntos, iam a jantares e compareciam juntos às atividades sociais da cidade. Porém, Adrião era doente e merecia cuidados especiais. Precisava viajar sempre para cuidar da saúde. Em uma dessas viagens do marido, João Valério aproveita e vai ao encontro de Luísa: esta se desculpa mostrando a impossibilidade daquele amor. Não podia, estava casada. No entanto, age diferente:

“Eu não lhe tenho amizade, o que tenho é um amor doido, como ninguém lhe há de ter. Duvidou de mim, julgou que me importava... Foi uma injustiça. Que tortura, estes dois meses! (...)

-Um beijo!(...)

-Um beijo! Balbuciei como um demente.

Soltei-lhe as mãos, agarrei-lhe a cabeça, beijei na boca, devagar e com veracidade. Apertei-a, machucando-lhe os peitos, mordendo-lhe os beiços, e a língua”. (RAMOS: 1972:160)

Michel de Certeau trabalha o cotidiano mostrando que o poder era feito com certa maneira de aproveitar a ocasião. E isto é o que vimos com Luísa, uma mulher admirada por todos como “honrada” e “respeitada”, e tida por todos como modelo de mulher. No entanto, deixa até mesmo João Valério confuso e surpreso não entendendo a maneira como estava sendo tratado. Acreditava que tinha se comportado como canalha, que não era digno de confiança de Luísa, e ela, ao contrário, até tinha gostado de ser beijada pelo rapaz.

E Luísa mostra que o cotidiano é feito de pequenas atitudes, deslizes. E aproveitando a viagem do marido, mantém um romance com João Valério, mas continua se comportando como se nada tivesse acontecendo, procurando assim não provocar suspeita em ninguém. Ela vive uma vida fazendo o uso dos dois papéis. Ora é uma mulher

“honrada”, ora vive um “amor ilícito” mostrando assim que o cotidiano muitas vezes pode ser burlado. É o que nos mostra o diálogo seguinte:

“Fale, tornou Luísa com despeito. Não é só bater as asas sem mais nem menos. É preciso que se saiba que foi que aconteceu?”

-É que receio prejudicá-la. Continuamos como vamos... Imagine.

Levantei-me. Estava convencido de que tinha realmente a intenção de abandoná-la.

-Quero que acredite... É para mim um sacrifício, já se vê. Mas se isto continuar... Reflita.

-João Valério, interrompeu Luísa com voz trêmula, eu não creio que esteja aborrecido de mim e procure um pretexto para se afastar.

-Há apenas isto: teria muito pensar se fosse causa de um desastre na sua vida. Nem sei, já agora sinto remorso”. (Ramos: 1972:177)

Não demorou muito e todos já estavam sabendo da relação de Luísa e João Valério.

Na historiografia, encontramos lacunas: ela não se explica e nem mostra relações assim como a de Luísa. Encontramos na historiografia espaços geográficos e áreas bem definidas para a “prostituta” e “mulheres honradas”, como também cada uma com seus papéis.

Já as obras literárias abordam este tipo de problema, mostrando que ao contrário do que se imagina, o cotidiano das pessoas não são feitos assim com papéis tão definidos. E, muitas vezes, uma mulher vista como “honrada” e “perfeita” era capaz de “burlar” estes códigos de conduta, procurando assim viver sua sexualidade livre e sem dominação. Para Michel de Certeau, o cotidiano é feito “com mil maneiras de caça não autorizadas”.<sup>4</sup>

E João Valério procura proteger Luísa dos boatos e dos mexericos. É o que nos conta o diálogo em seguida:

“Julgo que a reputação dela está sendo prejudicada por sua causa.

-Mas que culpa tenho eu? Você é testemunha, quase sempre estamos juntos. Quando os outros jogam, conversam, recitam, nem sequer fico na sala: vou para a varanda, fumar. (...)

-Que diabo! - Não se quebra assim de pé para a mão um hábito de seis anos, sem# motivo.

-Motivo há, interrompeu Isidoro.

-Umas suspeitas idiotas, homem, uns aleives.” (RAMOS: 1972:182)

---

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano, Artes de fazer, 3ed, Petrópolis,RJ: Vozes, 1994 p. 38.

João Valério continuava negando o relacionamento, não queria abrir mão de Luísa e não se dava por vencido, afinal era homem e achava que nada podia lhe atingir e, em se tratando do sexo masculino, era “legítima” a traição; assim tinha acontecido com seu pai, assim estava acontecendo com ele e, assim, ia acontecer com os seus futuros filhos. Era assim que grande parte da sociedade pensava. Então aquele papel que o Valério estava prestando era “legítimo” e normal. Ele procurava confundir o amigo, procurando criar uma situação imaginária, fazendo crer ao amigo que, poderia haver algo entre os dois, não como estavam pensando, mas como ocorre nos livros de romances. Para o amigo, o caso era tão absurdo que ele não acreditava que João Valério fosse capaz. Veja o diálogo entre João Valério e Isidoro:

“Imagine que eu goste dela. Não como disseram, mas que goste sem malícia, como nos livros. Imagine.

-Gostar de uma mulher casada! atalhou Isidoro. Você é capaz disso!

-E que ela também goste de mim. É uma hipótese. Sem malícia, naturalmente, como nos romances.

-Patacoadas! Que necessidade pode sentir a Luísa de gostar de você, se já tem um homem?E deixe-se de maluqueira. Não há por aí tanta mulher.” (RAMOS: 1972:182)

Isidoro sai em defesa de Luísa, é só ela que tem a perder e, quando isso acontece, acaba sempre falada e depois abandonada. Ele, neste momento, procura valorizar e defender a união sexual monogâmica, defendendo assim a “honra” da mulher. E, também, ele vê a fidelidade feminina como um bem que não tem preço. Ele alerta e chama a atenção do amigo para os perigos de uma infidelidade. E nesse mundo de Isidoro, o sexo fora do casamento é visto como pecado e doença, ou seja, nesse momento a sexualidade feminina é tida como uma sexualidade dominada, com dono: Luísa era casada, cabendo somente a Adrião usufruir desse mundo. Ela já tinha Adrião, então não precisava de mais ninguém. E Isidoro via Luísa como uma mulher completa, não se dando conta que aquela mulher pertencia ao mundo das mulheres que desfrutava de um prazer insubmisso.

“-Você não entende nada.

-Não entendo? Retorqui Isidoro, vermelho como um pimentão. Pois muito bem. Quando a pobrezinha estiver por aí, abandonada da família, e você, seu Don Juan de meia-tijela, de cama, com uma roda de pau no costado, veremos se eu entendo. Você nem sabe o que se



meteu. O Adrião é uma fera. Eu em questão de honra sou intrasingente.” (RAMOS: 1972:183)

Finalmente Adrião recebe uma carta anônima, contando da traição, cujos termos diziam que alguém tinha visto sua esposa passeando com o amante pelo arrebalde, na companhia de uma respeitável matrona e duas meninas muito gentis, mas ignorantes das maldades dos dois. Também haviam sido vistos no tanque, à sombra de uma bela mangueira. E, desse modo, o seu nome Adrião estaria sendo denegrado em todos os cantos da cidade.

Adrião procura conversar com João Valério pedindo explicação. Queria tomar uma atitude, uma providência razoável. Um desquite, uma separação decente. E o rapaz tornou a mentir. Não tinha que se defender de uma carta anônima que não valia nada.

A atitude de Adrião mostrava uma posição mais moderna, mais civilizada, uma separação decente. Antes as traições eram resolvidas com a “lavagem da honra” com o derramamento de sangue. E, nesse caso, a honra se pagava com a própria vida.

No entanto, Adrião mostrou que os tempos haviam mudado, isto é, teve um comportamento de uma pessoa civilizada. Procurou saber a verdade para poder tomar uma atitude, uma “atitude razoável”: desquite, separação decente.

Mas na literatura o caso de traição no início do século XX era resolvido e sempre terminava em tragédia e, neste caso do adultério de Luísa, também não fugiu à regra: terminou com morte. Adrião, o homem traído, suicidou-se.

Mas, antes de morrer, o moribundo procura se despedir de João Valério.

“Ouça. A história da carta foi tolice. Exaltei-me, perdi os estribos.  
Luísa está inocente, não é verdade?  
-É verdade.  
-Acredito. E já agora com os pés na cova não devo ter ciúmes. Não faça caso do que lhe disse ontem. (...)  
De qualquer forma estou bem. E não se aflija com minha morte. Esta vida é uma peste. Havia de acabar assim.” (RAMOS: 1972:214)

Adrião estava sereno, não mostrava arrependimento, no entanto estava em dúvida: não acreditava que a mulher teria coragem de trair-lhe. Era uma mulher acima de qualquer suspeita. Passados os oito dias da enfermidade de Adrião, todas as suspeitas haviam

esmorecido, ninguém falava mais. No entanto, Isidoro ainda não tinha dado o caso por encerrado, vejamos o diálogo dele com Valério:

“Convém proceder com ponderação. Refleti...  
-Não há ponderação, atalhou Isidoro. O que há é que você deve casar com a moça, esta é que é ponderação. Não sei o que houve entre os dois. Provavelmente não houve nada. Ou talvez tenha havido. Isso é lá segredo seu. O que é certo é que rosnaram por aí, você andava doido por ela e o Adrião deu o couro às varas. Mas deixaram de falar, retorqui apressado.” (RAMOS; 1972:227)

E Isidoro Pinheiro achava que era obrigação do rapaz casar com Luísa, pois “honra” de mulher é coisa séria. Devia reparar o erro, pois ela corria o risco de ficar falada. Dois meses haviam passado e, no entanto, João Valério não sentia mais vontade de ver Luísa: era hipocrisia achar que a amava. Ele sentia obrigação de casar-se:

“-Vim aqui... arrisquei.  
-Vem aqui sempre, atalhou ela. Não tenho querido recebê-lo. (...) Não tenho podido. É a verdade: Não posso.  
Mordi os beiços. É para acabar depressa:  
-O que eu queria era declarar que me considero obrigado...  
Moralmente obrigado.  
Ela estremeceu, encarou-me.  
-Obrigado a que João Valério? A casar comigo?”  
(RAMOS; 1972:230).

E cada um foi morar no seu lugar. Luísa só tinha uma preocupação: não queria ficar falada, queria ter certeza de que todos tinham esquecido os boatos.

### **1.9. De retirante à *femme fatale***

No romance “Gabriela, Cravo e Canela,” o narrador apresenta a morena cor de canela, cintura fina, ancas largas, com uma beleza rara e o seu cheiro de cravo que encantava e deixava tontos os homens de Ilhéus. Ela, uma retirante nordestina, que migrara

para a região cacauieira da Bahia, à procura de trabalho e o sonho de uma vida melhor<sup>5</sup>. Contratada como cozinheira no “mercado dos escravos,” foi levada por seu Nacib, mas a moça sabia algo mais do que só cozinhar:

“Três meses e dezessete dias a comer comida temperada por ela, não havia em todo Ilhéus cozinheira que lhe pudesse comparar. Três meses e dezesseis dias dormindo com ela, a partir da segunda noite, quando o luar lambia-lhe a perna e no escuro do quarto soltava um seio na rota combinação...” (AMADO: 1958:212)

As noites do casal eram ardentes, o fogo de amor parecia consumi-la. Seu Nacib já não pensava mais em Risoleta, prostituta que vivia nos cabarés da cidade com quem mantinha um relacionamento amoroso. A lembrança da amante estava se apagando, já não acreditava mais nos seus carinhos representados, não mais suportava as suas manhãs e não tinha mais ouvidos para seus queixumes. A historiografia apresenta a mulher fatal como capaz de destruir lares. A literatura mostra um relacionamento entre duas pessoas solteiras, mas, embora seu Nacib fosse solteiro, Gabriela soube prendê-lo só para si, afastando o solteirão dos cabarés e das antigas amantes. À noite, o turco mal via a hora de ir para casa, de cair nos braços da morena cor de canela.

“E como viver sem ela, sem seu riso tímido e claro, sua cor queimada de canela, seu perfume de cravo, seu calor, seu abandono, sua voz a dizer-lhe ‘moço bonito’, o morrer noturno nos seus braços, aquele calor do seio, fogueira de penas, como? E sentiu então a significação de Gabriela. Meu Deus! Que se passava, por que aquele súbito temor de perdê-la por que a brisa do mar era vento gelado a estremecer-lhe as banhas? Não, nem em pensar em perdê-la, como viver sem ela?” (AMADO: 1958:215)

A mulher fatal não deixava o homem confortado, e seu Nacib não sentia confiança na amante. Ele já não tinha mais paz, não sabia o que fazer, vivia se roendo, andando apalermado e via que paixão não é brincadeira. E Gabriela se dobrava de agrados, ela todos os dias depois do almoço arrumava a espreguiçadeira para o amante descansar e deixava a sua marca, deixando a sua rosa no fundo da cadeira. E foi então que seu Nacib começou a perceber o perigo que estava ao seu redor.

---

<sup>5</sup> A historiografia mostra a prostituta como uma vítima.

“Um homem idoso, de seus cinquenta anos, aproveitando-se da confusão em torno do engenheiro para roubar a rosa um juiz. (...) Rondando Gabriela... Nacib ficou a pensar. Sim rondando Gabriela, de súbito dava-se conta. E não era só ele, muitos outros também. (...) Senão para vê-la, sorrir para ela, dizer-lhe graçinhas, roçar-lhe a mão, fazer-lhe propostas, quem sabe?” (AMADO: 1958:214)

Existe uma memória que procura descrever a *femme fatale* como uma mulher cheia de artifícios, ousada e extravagante, com um instinto sexual indomável, selvagem e insaciável. A literatura também mostra a mulher fatal forte, corajosa, que não consegue ficar somente com um único homem, a exemplo de Gabriela que não deixava ser controlada e que tinha o domínio do seu próprio corpo.

“Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado. Que pedaço tirava se Josué lhe tocava a mão? Se seu Tônico, beleza de moço, tão sério na vista de seu Nacib, nas suas costas tentava-lhe beija-lhe o cangote? Se seu Epaminondas pedia um encontro, se seu Ari lhe dava bombons, pegava o seu queixo? Com todos eles dormia cada noite, com eles e com os de antes também, menos seu tio, nos braços de seu Nacib. Ora com um, ora com outro, as mais das vezes com o menino Bebinho e com seu Tônico. Era tão bom bastava pensar.” (AMADO: 1958:260)

Gabriela a morena cor de canela era misteriosa e gostava de ir ao bar, passar entre as mesas falar com os homens. Para ela, a vida era boa e bastava viver. E por que não? Na rua andar, viver e cantar. E, enquanto dormia, com um, sonhava com os outros. Margareth Rago mostra a *femme fatale* como uma mulher misteriosa e independente, que muitas vezes representava o bem e o mal, ora o anjo, ora demônio, com rosto angelical e uma alma perversa. Porém, uma mulher forte que não precisava comercializar o seu corpo.<sup>6</sup> A literatura também apresenta a *femme fatale*, a exemplo de Gabriela, acima de qualquer proposta de dinheiro. Uma mulher que estava contente com o que possuía e tudo que fazia era simplesmente por prazer:

---

<sup>6</sup> Cf. RAGO, Margareth Os Prazeres da Noite prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890- 1930)- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p201 e seg.

“Gabriela servia para cozinhar, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar. Nem velho e feio, não por dinheiro. Por gostar de deitar. Clemente na estrada, Neôzinho na roça, Zé do Carmo também. Na cidade Bebinho, moço estudante, casa tão rica! Vinha mansinho, nas pontas dos pés, com medo da mãe. Primeiro de todos, ela era menina, de noite seu tio velho e doente.” (AMADO: 1958:235)

A *femme fatale* aparece na historiografia como uma mulher que nunca se apaixona, capaz de manter o controle total do seu corpo. Mas o homem com quem mantém um relacionamento fica fragilizado. A literatura mostra o exemplo de seu Nacib que não sabia mais o que fazer para não perder a mulher amada. E todas as semanas lhes davam presentes: vestidos, sapatos, brincos, pulseiras, frascos de perfumes. Mas tudo isso era muito pouco diante das propostas que Gabriela vinha recebendo: casa botada com empregada, dinheiro e crédito nas lojas. Seu Nacib se sentia impotente diante das propostas que ela vinha recebendo. E seu amigo Nhô Galo dizia: - “toda mulher a mais honesta que seja tem um preço,” e seu Nacib não sabia mais o que fazer.

“Seu Nacib anda triste... Era assim não... Era faceiro, risonho, agora anda triste. Por que seu Nacib? Que lhe podia dizer? Que não sabia como guardá-la, como prendê-la a si para sempre? Aproveitar para falar nas idas diárias ao bar.

- Tenho uma coisa para lhe falar.

-Pois fale, meu dono. (...)

-A comida tá ruim? A roupa mal lavada?

-Não é nada disso. -É outra coisa. (...)

-Tuas idas ao bar. Não gosto, não me agradam... (...)

-Vou para ajudar, pra comida não esfriar. Por isso que vou.”

(AMADO:1958:258)

A literatura mostra o homem diante da *femme fatale*, impotente, inseguro sem saber como agir. Já para a mulher, era tudo muito engraçado. Uma vez que palavras, risos, olhares não tirava pedaços de ninguém. Para a mulher fatal, não existe problema em dormir por dormir. A vida é boa, tem que viver. Ela tem um comportamento ambíguo, ora é ingênua e amiga, ora é perversa e maldosa. Ora leva comida gostosa para seu Nacib, ora vai ao bar para passar entre as mesas e sentir os olhares, as intenções, escutar as palavras, sentir-se mirada, festejada, desejada. É neste momento que se prepara para a noite. E na

cama lembrava os moços que no bar tinha encontrado. E nos braços de seu Nacib dormia com todos, bastava querer. E seu Nacib já não sabia mais o que fazer:

“Bie, gostava do nome. Seu Nacib, tão grande, quem ia dizer? Mesmo na hora falava língua de gringo, tinha ciúmes... Que engraçado! Não queria ofendê-lo, era homem tão bom! Tomaria cuidado, não queria magoá-lo. Só que não podia ficar sem sair de casa, sem ir a janela, sem andar na rua. De boca fechada, de riso apagado. Sem ouvir voz de homem, a respiração ofegante, o clarão, dos seus olhos. ‘Peça não, seu Nacib, não posso fazer.’”  
(AMADO:1958:260)

O narrador da obra Gabriela, Cravo e Canela mostra Gabriela como a mulher fatal. Segundo o narrador mesmo Gabriela gostando de seu Nacib, não conseguia viver somente com ele. Para ela “a vida era boa e precisava viver”.

## CAPÍTULO 2 - ESTE MUNDO NÃO É MEU

Neste capítulo, vamos trabalhar o modo como as mulheres reagiam ao mundo imposto para elas nas primeiras décadas do século XX. O título acima, tem como objetivo mostrar como as mulheres ainda tinham que lutar muito para conquistar um espaço na sociedade.

Pesquisamos algumas obras de José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, procurando perceber como as mulheres nordestinas começavam, paulatinamente, a dizer “não” ao comportamento que lhes era imposto. Nas obras literárias procuramos respostas para o nosso problema, ou seja, quais as “maneiras de fazer” e quais as “táticas” utilizadas pelas mulheres para dizer “não” ao mundo criado para elas, e como vivenciavam o seu cotidiano, participando dessas mudanças.

### 2.1. Arrependimento tardio

No capítulo anterior, vimos Ester, uma moça educada que vivia com seu marido na fazenda, e que, mesmo não gostando da vida que levava, estava acostumada com o que seu marido escolhera para ela. Passados alguns anos, depois de casados, seu marido resolvera contratar um advogado. Virgílio, o novo advogado de Horácio, era um moço atraente e educado.

Agora Ester acalentava um único desejo, o de magoar Horácio, e sabia que agora poderia se vingar. Enquanto isso, Horácio via uma nova Ester, uma Ester que pensava nele, num desejo seu. E sentia necessidade de agradar Ester, daí ter feito promessas de viagem. Estava arrependido, cria que deveria ter compreendido melhor a mulher, uma moça que tinha vivido em outros mundos.

Mas Horácio considerava-se um homem feliz. Estava orgulhoso da esposa, pois sua educação era de fazer inveja, e também sabia que Ester estava tocando para ele, tocara porque ele pedira. E depois daquela noite do jantar e da música tocada no piano, tudo na casa de Horácio se transformara. Horácio passara a ser um homem feliz, e Ester agora encontrava alegria em tudo. Mas Ester, ao deitar com Horácio, era Virgílio que ela via.

“A só presença de Virgílio no outro quanto a abre toda, com o só pensar nele, no seu bigode longo e bem cortado, nos seus olhos tão compreensivos, no seu cabelo loiro, sente um frio no sexo que se banha de morna sensação. (...) Cerra os olhos para não ver Horácio que se aproxima. Vê é Virgílio, ouve suas palavras boas. (...) Sorri, Horácio pensa que o sorriso é para ele. Também ele está feliz nessa noite. Ester vê Virgílio, suas mãos cuidadas, seus lábios carnudos, e sente no sexo, coisa que ela nunca sentiu um desejo doido. Uma vontade de tê-lo, de apertá-lo, de se entregar, de morrer nos braços dele.” (AMADO; 1942:101).

E, daí por diante, a relação de Ester e Horácio mudara, mas mudara para melhor. Ester passara a ser uma mulher feliz e fazia de Horácio um homem feliz. Ele acreditava que a mulher agora era outra, uma mulher que se desmanchava em carinhos. As noites passaram a ser prazerosas. Ester se entregava com corpo e alma, na sua casa tudo era felicidade. Mas era Virgílio em quem Ester pensava. E o sexo estava em chamas.

A historiografia mostra que as relações extraconjugais são usadas como linha de fuga, visto que, ao constituir novos territórios afetivos, muitas mulheres davam vazão aos seus instintos libidinais reprimidos na vida conjugal. Margareth Rago, na sua obra “Os Prazeres da Noite,” procura chamar a atenção para a hipocrisia do casamento burguês, em que a sexualidade feminina é reprimida na vida conjugal, enquanto o homem, embora em relações extraconjugais, tem todos os direitos de experimentar novas formas de desejos.<sup>7</sup>

Ester e Virgílio foram amantes por muitos anos. Toda a cidade comentava. Ester, Virgílio e Horácio saíam e se divertiam, iam para festas e jantares. Nas festas, Virgílio pedia permissão a Horácio para dançar com sua esposa. No entanto, somente o marido não sabia do romance dos dois. Virgílio era amigo e advogado de Horácio, portanto, gerava muita confiança.

Depois de muitos anos, Ester adoece e morre. Horácio e Virgílio sofrem muito. Porém, Horácio nada sabia. Só depois de algum tempo da morte de Ester, Horácio encontra um bilhete revelador no meio das coisas que ela deixou. Furioso de raiva mata o Dr. Virgílio.

O fato é que a literatura, naquele período, quando trabalha com a infidelidade conjugal por parte da mulher, apresenta sempre um final trágico. E, desse modo, o

---

<sup>7</sup> Cf. RAGO<Margareth ; Os Prazeres da Noite prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991 p 219 e seg.



casamento monogâmico é visto como algo que não pode ser violado pela mulher. A mulher (o sexo frágil) não pode desobedecer, tem que baixar a cabeça para o marido, aquele que lhe sustenta, aquele que manda, pois é esse o papel da mulher: o de ser submissa. E foi isso que aconteceu com Ester e Virgílio, os dois foram igualmente punidos com as suas mortes. Portanto, tragédia marcada por códigos moralizantes.

## **2.2. Duas mulheres da mesma família com visão de mundos diferentes**

Olga e Don'Ana pertenciam à mesma família. Olga era a esposa de Juca Badaró, rico fazendeiro que cultivava o cacau nas suas terras. Don'Ana, por sua vez, era filha do velho Badaró e sobrinha de Juca. Porém, as duas viviam e pensavam diferentes.

Enquanto Olga gostava de morar na cidade, Don'Ana vivia na fazenda e se interessava por tudo que lhe rodeava. Quando Olga estava na fazenda, obrigada pelo marido, passava o dia a fazer crochê e balançar na cadeira. Quando Don'Ana sentia que algo de estranho estava acontecendo, algo de grave, procurava saber se inteirar do que se passava mas o que lhes diziam era sempre a mesma coisa: mentiras esfarrapadas, nas quais ela não acreditava. Só depois de muitos dias é que vinha conhecer a verdade e então as terras dos Badarós já haviam aumentado, enquanto que um homem havia morrido. Sentia-se magoada por ter sido enganada, por terem escondido o fato, tratando-a assim como menina. Mas não desistia, dizia para si que um dia conseguiria algum espaço, e agiria como sonhava.

Enquanto isso, Olga vivia em Ilhéus de cochichos fazendo-se de mártir perante as beatas e amigas, queixando-se das aventuras amorosas do marido. No principio, queria reagir chegando até a mandar raspar o cabelo de uma mulatinha que se metera com Juca, mas teve que parar, pois o marido reagiu de modo violento. Restou para ela só as lamentações. Odiava a fazenda do Sinhô, visto que Don'Ana passava o dia todo ocupada, sem tempo para escutar suas lamúrias. Além disso, Don'Ana tinha a visão de mundo dos Badarós, não achando mal nenhum nas aventuras do tio. Para Don'Ana, o bom marido era aquele que não deixava faltar nada em casa. Assim fora seu pai, assim seriam todos os homens. Olga, que não se preocupava com nada da fazenda, utilizava uma tática para dizer não aos Badarós que fazia tão pouco caso dela; não queria saber dos problemas dos Badarós, parecia para Don'Ana estranha à família, distante e perigosa. Porém, Don'Ana às

vezes sentia inveja da calma de Olga, quando via que seu pai e seu tio não abria o espaço que ela queria ocupar, quando escondiam dela os problemas da fazenda. Olga e Don'Ana, mesmo sendo da mesma família, tinham condutas femininas diferentes, que contradizem os modelos apontados pela historiografia.

Certo dia, começava a disputa entre Horácio e os Badarós. A voz de Olga estava assustada, não se acostumava com aquela vida de se ver matar gente; queria ir pra Ilhéus, fugir de toda aquela confusão. Enquanto isso, Don'Ana odiava a atitude da esposa do tio, demonstrava um verdadeiro sentimento de desprezo por aquele comportamento de Olga. Acreditava que Olga vivia num mundo inútil e torpe.

E Juca dizia ao irmão: “agora não temos mais o que esperar, temos que começar antes que Horácio comece: vai ser guerra”. O Sinhô Badaró fazia um gesto com as mãos para que as mulheres deixassem a sala. Olga e Raimunda obedeciam, enquanto Don'Ana não saía do lugar. Juca reagiu, disse que aquela não era conversa para mulher. Mas Don'Ana, com sua “maneira de fazer,” conquistou o espaço que sonhava ocupar.

“Já te mandei dormir Don'Ana. Que está esperando? (...)

Isto não é coisa pra mulher... - começou Juca.

Mas Sinhô Badaró o interrompeu:

- Deixe que ela fique. É uma Badaró. Um dia vão ser os filhos dela, Juca, que vão colher o cacau das roças do Serqueiro Grande. Pode ficar minha filha. Juca e Don'Ana sentaram perto dele. E começaram a traçar os planos da luta pela posse das matas de Serqueiro grande. Don'Ana Badaró estava alegre e a alegria fazia ainda mais famosa sua cabeça morena, de olhos ardentes e negros.”(AMADO; 1942:113)

Certo dia, enquanto Juca e o velho Badaró estavam viajando, Don'Ana recebia uma carta de senhor Azevedo, mandando dizer aos Badarós que Horácio e Dr. Virgílio haviam passado a escritura da mata do Serqueiro Grande. Não havia tempo, precisava Don'Ana tomar uma decisão, não podia esperar, teria que agir. Ela não vacilou, sentou na cadeira do pai, com o rosto fechado e preocupado. Perguntou ao mensageiro: “Militão está muito cansado?” e pediu para que fosse buscar o coronel Teodoro, que era amigo da família. “Peça que venha logo que possa, que é coisa séria.” A responsabilidade estava tomada, mas não sabia qual seria a reação do pai. Releu a carta, e sentiu que tinha tomado a decisão certa. “Bandido, o advogadinho merece um tiro,” concluiu Don'Ana. E não tardou:

o cartório de Venâncio foi incendiado. Em Ilhéus todos comentavam, achavam Don'Ana uma moça estranha, distante da igreja, distante das conversas das comadres, e que não gostava de bailes e nem de namorados. Dedicava-se sempre às terras e às plantações. Olga comentava o pouco caso que Don'Ana fazia dos vestidos que Sinhô mandava buscar na Bahia e no Rio; ela não se preocupava com eles, dedicava-se, sim aos potros que nasciam na fazenda, sabia o nome de todos os animais que a família possuía. Era ela que cuidava de toda a contabilidade da fazenda, e era a ela que o pai se dirigia quando precisava das informações. Para Olga, Don'Ana deveria ter nascido homem. Mas, depois de algum tempo, Don'Ana casara com um rapaz que ela mesmo havia escolhido, fazendo cumprir a sua vontade.

Havia um silêncio, numa noite sem lua. Os “cabras” de Horácio estavam reunidos no terreiro à espera de uma ordem. Um deles acendeu um fósforo. O tiro veio de dentro da casa, passando perto da luz, e não o matou por pouco. Os outros se jogaram no chão, entraram na casa de rastro. De dentro, alguém atirava, procurando acertar em Horácio. Eles acreditavam que existia mais de uma pessoa reagindo ao cerco. No entanto, só Don'Ana se encontrava em casa :

“-Terminou a munição.

Brás ia na frente, dois cabras ao lado, Horácio vinha logo atrás. Só restava o sótão. Foram subindo a escada estreita. Braz abriu a porta com pontapé. Don'Ana Badaró atirou, um cabra caiu. E como era a última bala que lhe restava, ela jogou o revólver para o lado de Horácio e disse com desprezo:

- Agora mande me matar assassino.” (AMADO; 1942: 256)

E todos que ali estavam olhavam aquela atitude com espanto. Jamais pensavam que uma mulher tinha coragem para enfrentar jagunços e bandidos. “Diabo de mulher tão corajosa,” dizia um homem, e Don'Ana passou no meio deles, montou um cavalo e partiu numa noite sem lua e sem estrelas

Don'Ana, uma moça corajosa e decidida, foi capaz de enfrentar o mais temido coronel. Não se deixou intimidar lutando até o fim com coragem e garra, sendo por isso, admirada até por seus adversários que não esperavam aquela bravura de uma mulher.

### 2.3. “Nascida para um grande destino, presa em seu jardim”.

Malvina era uma moça inteligente e educada, filha de um dos mais ricos coronéis de Ilhéus. No início do século XX muitos acreditavam que as mulheres brasileiras eram passivas e ociosas<sup>8</sup>. Essa era uma imagem generalizada das mulheres de diversas classes sociais, idades e etnias. Mas também é a imagem que a literatura regional nos passa. Mulheres que tinham medo do marido e dos pais e que viviam o tempo todo de mexericos com os vizinhos, por não ter em nada o que fazer.

Na obra “Gabriela Cravo e Canela,” de Jorge Amado, o narrador mostra a personagem Malvina rompendo com este mito. João Fulgêncio, dono da livraria da cidade, era o único homem de Ilhéus que entendia Malvina; ele a admirava por ser uma moça de caráter. Era a única moça da cidade capaz de enfrentar tudo e todos. Em ocasiões em que nenhuma mulher tinha coragem para comparecer, Malvina ia sozinha. No velório de dona Sinhazinha, uma mulher “adúltera,” lá estava Malvina ao lado do caixão, levando flores sem se preocupar com que os outros iam pensar, enfrentando até mesmo seu pai.

“A verdade é que ela aparecera no velório, levando flores. O pai visitara Jesuíno, ‘levava o seu abraço’, como ele mesmo dissera a Nacib no ‘mercado de escravos.’ A filha, moça solteira e estudante, à espera de noivo, que diabo fora fazer junto ao caixão de Sinhazinha? Tudo dividido, o pai de um lado, a filha de outro. Esse mundo é complicado, entenda-o quem quiser, estava acima de suas forças, não passava de dono de bar, por que pensar em tudo isso.”  
(AMADO, 1958:188)

E, como dizia seu Nacib, era difícil de entender o que uma moça solteira à espera de noivo ia fazer naquele velório, mas, como dizia Michel de Certeau essas “maneiras de fazer” muitas vezes só aparecem como práticas de resistência na vida social. Esse autor mostra como os movimentos de micro-resistência são capazes de formar espaços de micro-liberdades, deslocando, assim, as fronteiras de dominação dos poderosos, sobre uma multidão anônima. Certeau procura perceber, nos pequenos atos, nos pequenos modos de

---

<sup>8</sup> Rago, Margareth “Os prazeres da noite” prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro :Paz e Terra, 1991. p 58 e seg.

agir e de pensar do dominado, como este constrói o seu cotidiano.<sup>9</sup> Era assim que Malvina construía o seu dia-a-dia, e, como dizia João Fulgêncio: “ela era uma moça diferente,” e num mundo onde as mulheres muitas vezes baixavam à cabeça, Malvina, de nariz empinado e cabeça erguida, enfrentava todos. Fazia o que achava certo, não se curvando e não dando ouvido para o que o povo pensava e dizia. Com sua “maneira de fazer,” ia aonde os homens acreditavam que não era lugar para moça. Ela lá estava levando flores para uma mulher “adúltera”, a qual tinha sido morta pelo marido, resgatando, assim, a sua honra. A moça lá estava prestando solidariedade à dona Sinhazinha, dizendo não àquele ato covarde. Enquanto isso, o seu pai estava do lado oposto prestando solidariedade ao coronel que tinha “lavado a honra”.

Mas Malvina não ficava nisso: enquanto Iracema, sua colega e amiga, era proibida pelo irmão de ler alguns romances, argumentando que eram livros imorais e que uma moça direita não deveria lê-los, Malvina, ao contrário, logo queria saber o que estava escrito ali, e porque uma mulher não podia saber e, porque para o rapaz, era permitido. Isso despertava, portanto, sua curiosidade e o seu lado rebelde. E, para a surpresa das amigas, foi um daqueles mesmos livros que o irmão da amiga havia, proibido que Malvina comprara. É o que nos diz Certeau, quando dissera que uma sociedade não deve se dobrar à vigilância, à disciplina, ao mandatário de uma elite.

“Mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também ‘minúsculos’ e cotidiano) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que ‘maneiras de fazer’ formam a contra partida, ao lado dos consumidores (ou dominadores?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-político.” (CERTEAU, 1998:41)

Os dominados usam as brechas deixadas pelos dominadores e, com suas “maneiras de fazer,” faz em uso do espaço organizado. Malvina e suas amigas não se deixavam dominar, mas aproveitaram a ocasião para construir o seu dia-a-dia.

“-Você vai comprar? O que é que vão dizer?”

---

<sup>9</sup> Cf CERTEAU, Michel de A Invenção do Cotidiano: I. artes de fazer, Tradução de Ephraim Ferreira Alves. -Petrópolis, rj:Vozes, 1994. p 41 seg

- Que me importa?

Diva comprava um romance para as moças, prometia emprestar as demais. Iracema pedia a Malvina:

- Depois você me empresta? Mas não conte a ninguém. Vou ler em sua casa mesmo.

Essas moças de hoje... - Comentou um dos presentes. - Até livros imorais elas compram. É por isso que há casos como o de Jesuíno.” (AMADO, 1958:225)

Mas Malvina sabia o que estava fazendo, para ela pouco importava o que os outros pensavam a seu respeito, daí que, até mesmo as amigas se assustavam com o seu comportamento. Uma vez, ela foi ao encontro do engenheiro Rômulo conversar na praia. Ela, sentada num banco, e ele de pé ao seu lado. Ela ria numa gargalhada solta antes nunca vista. O engenheiro era casado, porém a esposa estava louca num hospício.

“Malvina era o vivo e comentado escândalo. Ninguém mais desconhecia na cidade a condição de homem casado do engenheiro da barra, separado da mulher. (...) Que tinha ele para lhe oferecer além da desonra, no mínimo deixá-la falada, na boca do mundo, sem nunca mais conseguir casamento. No entanto, não se largava o par mais constante do baile, sem perder uma valsa, uma polca, um foxtrote.” (AMADO, 1958:243)

Malvina, em um baile, estava radiante, parecia um sonho. Um cochico corria por todo o salão. No entanto, aquela começava a sofrer as conseqüências. Dona Felícia, a mãe de Iracema, a ferosa morena dos namoros do portão, proibiu a filha de andar com Malvina, mas empurrava-a para dançar com os rapazes.

Malvina sabia o que queria e não deixava ser dominada, foi ao encontro do coronel e luta com todas as garras para alcançar os seus objetivos. Ainda menina, prometera a si mesma que não queria a vida que a mãe levava, sem opinar em nada, sendo humilhada pelo marido, obedecendo e cumprindo ordens. Não seria infeliz como a mãe. Ainda pequena, o que ela vira era as grosserias do seu pai, a mãe cuidando da casa, sendo este o seu único direito, em servir um pai e esposo ausente:

“Odiava desde cedo a casa, a cidade, as leis, os costumes. A vida humilhada da mãe a temer ante Melk, a concordar, sem ser consultada para os negócios (...) O pai nos cabarés, na casa das

mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares, com os amigos bebendo.” (AMADO: 1958:277)

Margareth Rago mostra que a construção do mito da mulher passiva e ociosa, tornou difícil para se conceber como viviam as mulheres no Brasil, visto que, até esse período não se questionava sua condição até a década de 20 do século XX, e que só depois é que essa discussão aparece quando surge o ideal da “nova mulher.” Uma mulher moderna, aquela que a burguesia define como estilo de futilidade, que só pensa na aparência, sem demonstrar preocupar-se espiritual e intelectualmente. Nesse tipo de mulher, Malvina também não se enquadra. É uma moça que lê bons livros e sonha em trabalhar e estudar, quebrando, assim, com todas as regras estabelecidas para as moças de família:

“Cabeça de mulher é fraca, bastava olhar a praça: lá estava Malvina, num banco na avenida, a conversar com o engenheiro. João Fulgêncio, não dizia quer era a moça mais inteligente de Ilhéus, com caráter e tudo? E não perdia a cabeça, a namorar na vista de todos um homem casado?”(AMADO: 1958:271)

Aquela não era uma atitude para moça de “família”. Malvina, assim, rompia com todos os códigos de conduta daquela sociedade. Uma moça “direita” não podia agir daquele jeito. Mas Malvina não alimentava sonhos de casamento por amor. E o povo logo questionava: “quem já viu uma moça de família namorar no banco da praça? O coronel Melk precisa saber!” Este Teria, então, que tomar as providências. E o pai, ao saber na roça, foi ao encontro de Malvina na praça. Ele, de cara fechada, determinou que sua filha fosse para casa. E esta, com suas “maneiras de fazer,” foi em passo lento. Seu pai dirigiu-se ao engenheiro e ordenou-lhe: “Depois de amanhã tem um navio saindo, vá embora daqui, é uma ordem.” No entanto, Malvina não estava preocupada em casamento e a única coisa que queria era entregar o seu coração a alguém que lhe desse o direito de viver, o direito de ser livre.<sup>10</sup>

Em frente ao bar, o povo esperava para saber o desfecho do acontecimento. Todos estavam curiosos. Veja o que Melk disse ao encontrar João Fulgêncio:

---

<sup>10</sup> Certeau Michel de “A Invenção do Cotidiano” 1 Artes de fazer Tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ :Vozes, 1994. p 37 seg.

“-Boa tarde, seu João. Me disseram que o senhor andou vendendo uns livros ruins para a minha menina. Vou lhe pedir um favor: não venda mais nenhum. Livro só de colégio, os outros não prestam para nada, só servem para desencaminhar. (...)

Sua filha só comprou livros bons, dos melhores autores. Aproveito para dizer que é moça inteligente, muito capaz. É preciso compreendê-la, não deve tratá-la como uma qualquer.”

(AMADO; 1958:272)

Segundo a historiadora Margareth Rago, na sua obra “Prazeres da Noite,” a mulher “emancipada” assustava o “sexo forte”. Também constatamos isto na literatura, na obra “Gabriela, Cravo e Canela,” em que o coronel Melk entra em atrito com sua filha Malvina, por esta pensar diferente dele, e não querer uma vida como a da mãe, sempre a esperar em casa, a ouvir e obedecer, isso Malvina não permitia que acontecesse com ela e reagia com bravura às atitudes do pai.

Para os padrões daquela sociedade onde a mulher era obrigada a se comportar de acordo com as regras que lhes eram impostas, Malvina aparentava ser uma moça “fútil”. Para aquela sociedade então, era o homem quem deveria ditar as leis, e na terra do cacau, quem deveria mandar eram os coronéis, os que ditavam as leis, segundo suas necessidades, cabendo à mulher somente obedecer e respeitar, coisa que Malvina não admitia. Daí que pai e filha não se entendiam, mas viviam sempre em choque. É isto que nos mostra o diálogo seguinte.

“De pé ante ele, a cabeça erguida, tensa, orgulhosa, decidida, Malvina aguardou. A mãe aguardava também, os olhos de medo. (...)

- Que tem a dizer?

- A respeito de quê?

- Respeito me tenha! - gritou - Sou seu pai, baixe a cabeça. Sabe de que falo. (...) Não venha me dizer que não sabia que era homem casado, ele nem escondeu. Que tem a dizer?

-Que adianta dizer? O senhor não vai compreender. Aqui ninguém pode me compreender. Já lhe disse, meu pai, mais de uma vez! Eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver do meu modo. Quando sair, no fim do ano do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório.” (AMADO; 1958:274)



A citação acima mostra como o machismo ainda é muito forte no Nordeste, na década de 50 do século XX. No Rio de Janeiro e São Paulo, já existiam mulheres trabalhando em fábricas, estudando em Universidades e já se profissionalizando desde o final do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Quando muito, se via no Nordeste algumas moças se formando na Escola Normal.

Os grandes fazendeiros, geralmente pessoas com muito dinheiro e pouco estudo, achavam que o suficiente para a mulher era ler receitas de bolos, isto é, que lugar de mulher era na cozinha. E Malvina jurava que não se sujeitaria a isso. E o pai se via nela, chegando muitas vezes a se assustar. Malvina, desde cedo, sonhava em trabalhar e cursar faculdade, fato que seu pai não aprovava.

“Não quero doutora. Vai pro colégio das freiras, aprender a costurar e ler, gastar o seu piano. Não precisa de mais. Mulher que se mete a doutora é mulher descarada, que quer se perder.” (AMADO: 1958:278)

No início do século XX, em São Paulo e no Rio de Janeiro, segundo a historiadora Margareth Rago, existiam revistas que procuravam orientar e atualizar a mulher discutindo problemas políticos nacionais e internacionais, estampando nas publicações artigos que tratavam de assuntos variados, poesias, contos, considerados importantes na formação feminina. Mas, contudo, parece que tudo o que dizia respeito às mulheres para melhorar as condições destas, passava bem distante das terras do cacau. Veja o que nos mostra a historiadora Margareth Rago a respeito destas revistas:

“Informavam sobre as conquistas das mulheres em outros estados e países, apontando para sua entrada no mercado de trabalho em condições iguais às do homem, já que desmistificavam preconceitos arraigados sobre sua inferioridade física e mental em relação ao sexo forte. Atingindo um número crescente de leitores, em todo o país, as revistas femininas criavam condições para que se delineasse coletivamente aquilo que se considerava como universo feminino, diferenciando do masculino, com questões de interesse feminino”(RAGO: 1991:68)

Mas, nas terras do cacau se pensava que quem mandava era o coronel e que uma revista feminina deveria ser descartada, pois desencabeçaria as mulheres. “Mulher foi feita para o lar, para maternidade, para cuidar da casa e da educação dos filhos,” era isso que Malvina escutava. Mas, nos livros, Malvina conheceu outra realidade, via que existia outro mundo além daquele que vivia. Um mundo onde a vida era bela, no qual a mulher não era escrava. Via grandes cidades onde a mulher podia trabalhar e, desse modo, ganhar o seu pão e sua liberdade. E Malvina jurava a si mesma que não se deixaria prender. Ela notava, assim, tudo que se passava ao seu redor: moças da cidade estudando em colégios de freiras, enquanto que os rapazes iam para a Bahia estudar o ginásio e depois a faculdade, com direito à mesada e a gastar o que quisesse, sem nenhum controle dos pais. Além disso, mostra-nos a historiadora Margareth Rago:

“A injustiça começava no berço: para o menino, mestres, colégios, ginástica; para a menina, a ignorância, o atrofiamento da energia, a imobilidade forçada pela vida sedentária. Depois, chegados à puberdade, ele, o rapaz, escolhe esta ou aquela carreira para seguir, prefere este ou aquele meio de vida; a rapariga, ela, nada tem a resolver: o círculo de ferro, a cadeira fatal aí está...”  
(RAGO: 1991:70)

Margareth Rago mostra também que no final do século XIX e início do século XX, em São Paulo, as revistas procuravam reforçar o argumento de igualdade física e intelectual dos sexos, desmanchando assim a imagem da mulher como algo sentimental, que não podia trabalhar em muitas profissões, a exemplo dos cargos públicos. As revistas femininas da época procuravam mostrar que questões culturais restringiam a maneira da mulher viver.

E a personagem Malvina via que, com as moças, a coisa era diferente, o tratamento era outro. As meninas só dispunham de um breve tempo de adolescência. As brincadeiras com amigos, os namoricos às escondidas, os namoros no cinema e, às vezes no portão, os beijos roubados, os passeios com as amigas, mas tudo isso não durava muito tempo e quando a moça menos esperava:

“Chegava um dia o pai com um amigo, acabava o namoro, começava o noivado. Se não quisesse, o pai obrigava. Acontecia

uma casar com o namorado quando os pais faziam gosto do rapaz.”  
(AMADO: 1958:278)

E em Ilhéus o que se via depois do casamento era o marido ser escolhido pelo pai ou vindo pelo destino, não havia diferença. Depois de casados, o que se via era: querer ser dono, senhor, a ditar leis e querer ser obedecido. Esse era o mundo que esperavam as mocinhas. Maridos com “direitos”, mulheres com “deveres”, “respeitos”.

E só restava para as meninas respeitar e honrar o marido, zelar pelo seu nome, cuidar de casa e dos filhos. Clara, amiga de Malvina dos tempos de colégio, jovem, alegre e de bem com a vida gostava de dançar e se divertir. Era a moça mais alegre que Malvina conhecera. Casou por amor, assim acreditava, não era fazendeiro e nem tinha uma mentalidade atrasada. Tratava-se de um doutor, formado em direito, rapaz romântico, recitava versos. Mas, depois de casada, como Clara estava?

“Que acontecera com Clara, onde ela estava, onde escondera sua alegria, seu ímpeto, onde enterrara seus planos, tantos projetos? Ia à Igreja, cuidava da casa, paria filhos. Nem se pintava, o doutor não queria.”(AMADO: 1958:278)

Assim fora com as avós, assim era com as mães e assim estava sendo com as amigas, uma história que se repetia, igual para todas as mulheres: “era assim que o coronel queria, era assim que devia ser.” Malvina pensava com um destino diferente do de Clara. Ela não sonhava com o amor, paixão, isto ela não pensava, ela só queria amar apenas:

“Para Malvina, não se tratava de amor, de paixão a explodir. Amaria quem lhe oferecesse o direito de viver, quem a libertasse do medo ao destino de todas as mulheres de Ilhéus. Era preferível envelhecer solteirona, de negro nas portas das Igrejas. Se não quisesse morrer como Sinhazinha, de tiro de revólver.” (AMADO: 1958:279)

E Malvina foge de Ilhéus à procura de seus sonhos. Todos em Ilhéus acreditavam que ela tinha ido ser “puta” de um homem rico. Porém, depois de dois anos, fora encontrada em São Paulo trabalhando e estudando, como havia prometido ao pai. Essa é a história de uma moça que, com suas “maneiras de fazer,” realizou os seus sonhos.

#### 2.4. As pequenas mentiras para ajudar ao marido

Na obra “Menino de Engenho,” o narrador mostra como as mulheres com suas “maneiras de fazer” procuravam ajudar seus maridos. Todos os dias, o senhor de engenho saía na sua fazenda para ver de perto o que estava acontecendo.

“Ele parava de porta em porta, batendo com a tabica de cipó-pau nas janelas fechadas. Acudia sempre uma mulher de cara de necessitada: a pobre mulher.

(...) Elas respondiam pelos maridos.

- Anda no roçado

- Está doente

- Foi pra rua comprar gás (...).

- Levantou-se hoje do reumatismo.

O meu avô então gritava:

- Boto pra fora. Gente safada, com quatro dias de serviço adiantado e metido no eito do engenho novo. (...) E quase sempre mais adiante nós encontrávamos Zé Ursulino de cacete na mão com uma saúde bem rija.

- Já disse a sua mulher que lhe boto pra fora. Não vai trabalhar na fazenda mais vive vadiando por aí.” (REGO; 1989:37).

Michael de Certeau explica que o cotidiano é feito com astúcias, com táticas não autorizadas. E, na citação acima, temos a prova: o narrador mostra como as mulheres dos trabalhadores com suas “maneiras de fazer” procuravam defender os maridos, mentindo para o patrão.

Zé Ursulino não era o único neste cenário do engenho, segundo o narrador, a fingir que estava doente, trocando o trabalho do engenho Santa Rosa cujo salário já havia recebido adiantado, pelo eito do engenho vizinho. Suas pequenas “mentiras” são artifícios necessários, fazendo assim parte da luta pela sobrevivência. Suas pequenas mentiras faziam parte do cotidiano e, desse modo, a mulher do trabalhador adquiria espaço de legitimidade fundamental: “anda no roçado”, “está doente”, “foi para a rua comprar gás”, “levantou-se hoje do reumatismo”. E, mais adiante, o coronel encontrava o trabalhador que vinha do eito do engenho vizinho.

## 2.5. Escondi o negro: ninguém pode saber

Na obra “Gabriela, Cravo e Canela,” da autoria de Jorge Amado, o narrador mostra como muitas vezes as mulheres passavam por cima dos códigos de conduta do seu tempo para ajudar alguém, mesmo que esse alguém fosse apenas um conhecido. Gabriela, mesmo sabendo os riscos que estava correndo, sem que o marido soubesse, se envolvia em política. Passava por cima de todos os perigos e saía à procura de socorro para o seu amigo

“Eles vai (sic) passar a noite caçando o negro. E o negro aqui bem do seu, tirando prosa com Gabriela, serviu mais cachaça.”  
(AMADO; 1958:349)

Gabriela foi à procura de Loirinho, capanga do coronel Ramiro, aquele que contratou o negro Fagundes para matar o “homem,” numa rua distante e suspeita, onde “mulher honrada” não andava. Isto aconteceu depois das nove horas da noite, horário que não era mais permitido para mulher andar só na rua. Ela, passando por cima de todos os códigos de conduta da época, foi para a Rua do Sapo no Bate-fundo, lugar aonde as prostitutas iam para dançar, e lá estava à procura do amigo de Fagundes. Não encontrando o rapaz, recorreu ao coronel que mandou fazer o “estrago”. Antes, porém, deixou o negro Fagundes no quarto dos fundos, onde ficou bem escondido e seguro.

Antes, porém, Gabriela queria entender por que Fagundes se envolvera com aquele crime.

“-Por que tu atirou? Que necessidade tinha? Que mal te fez?  
- Pra mim não fez nada. Foi pro coronel. Loirinho mandou, que podia fazer? Cada um tem seu ofício, esse é o meu. Também pra comprar um pedaço de terra, eu e Clemente. Já ta apalavrado.”  
(AMADO; 1958:350)

E o negro justificava o seu crime pela falta de ter outro serviço, mostrando que era só aquilo que sabia fazer. - ser matador de aluguel - e justificava a sua profissão pela necessidade de comprar uma terra para ele e Clemente. Então, o sertanejo ia para aquela terra, disposto a tudo para conseguir melhorar de vida.

Gabriela, mesmo não concordando com o crime, entendia os motivos de Fagundes, vendo que o mesmo não tinha outro meio de sobreviver e tudo fez para ajudar o rapaz.

“O relógio marcava pouco mais de nove e meia. Àquela hora já mulher casada não saía sozinha nas ruas de Ilhéus. Só prostituta. Nem pensou nisso. Não pensou tampouco na reação de Nacib se viesse a saber, nos comentários dos que a vissem passar.” (AMADO; 1958:350)

Ela devia favores a Fagundes e não poderia desprezá-lo naquele momento. Na retirada, quando vinham do sertão, Fagundes carregou o seu tio doente nas costas. E também foi em sua defesa quando Clemente a derrubou com raiva.

“Não ia deixá-lo sem ajuda, com risco de cair na mão dos jagunços. Matar era ruim, gostava não! Mas negro Fagundes outra coisa não sabia fazer. Não tinha aprendido, só sabia matar.” (AMADO; 1958:351)

E Gabriela torna legítimo o fato de Fagundes ser matador de aluguel, ao dizer que ele não aprendeu fazer outra coisa se não “matar”. Sai à procura de socorro para o rapaz, primeiramente atrás de Loirinho. Não o encontrando, segue as orientações de Fagundes e vai à casa do coronel Amâncio. Ao chegar, encontra muita gente reunida, toda a família, e alguns amigos da família, como também outros coronéis e alguns jagunços armados. Chegando lá, Gabriela teve que dizer o motivo de sua visita e só depois é que pôde conversar com o coronel Amâncio.

“Um mulato surgiu, nu da cintura para cima, arma na mão.  
- Seu coronel Amâncio está?  
Que quer com ele? – Olhava-a desconfiado. É coisa de precisão e de muita pressa. (...)  
- De Fagundes...  
O homem recuou um passo, adiantou-se depois, fitou-a:  
- Ta falando a verdade?  
- Pura verdade... (...)  
- Venha comigo – enfiou o revólver entre a calça e a barriga, a coronha aparecia (...).  
Voltaram a andar. Este não lhe fez senão uma pergunta:  
- Ele conseguiu escapar?  
Respondeu com a cabeça. Entraram na rua do coronel Ramiro.  
Pararam em frente da casa tão conhecida.” (AMADO; 1958:355)

Bateram na porta do coronel e Jerusa logo apareceu espantada. “Gabriela ali, naquela noite?” Gabriela e o homem entraram. Ela logo percebeu que havia muita gente naquela sala. Também estava o coronel Amâncio, para quem Gabriela trazia o recado. Só depois que eles ficaram sozinhos Gabriela dá o recado: “Fagundes mandou lhe avisar que está escondido em minha casa. Chegou lá fugido do morro. O quintal fica junto do morro. Escondi o rapaz porque, já o conhecia desde quando morava no sertão.” O coronel Amâncio comunicou aos demais presentes: “Esta moça veio fazer-nos um favor, ela é a senhora de seu Nacib. Veio nos dizer o paradeiro do negro Fagundes.” Ela acolheu em sua casa, deixando assim todos mais animados. O velho Ramiro Bastos pediu mais um favor.

“-É preciso tirar o negro de sua casa. Sem ninguém saber. E isso pode ser pela madrugada. Ele precisa ficar lá escondido, ninguém deve saber. Desculpe lhe dizer, nem Nacib pode se inteirar. (...) Lá pras três horas, as três em ponto, se levante, chegue na janela. Repare na rua se tem uns homens. Compadre Amâncio estará com eles. Se estiverem, abra a porta, deixe Fagundes sair, a gente cuida dele.” (AMADO; 1958:358)

O coronel Ramiro mandou que acompanhassem Gabriela até sua casa, o filho deputado, a esposa e sua neta, pois aquela não era mais hora de uma mulher “honrada” sair sozinha pelas ruas de Ilhéus. Seu Nacib chegou depois das doze horas da noite e encontrou a sua esposa e sua mulher carinhosa e ardente de amor.

“Gabriela tão carinhosa e ardente, tão se entregando e tanto dele tomando como naquela noite. Ultimamente, até já se queixava, ela andava arredia, esquiva, como se estivesse sempre cansada.” (AMADO; 1958:359).

E Gabriela, depois de um dia envolvida em problemas políticos sem que o marido soubesse, com sua “maneira de fazer” proporciona a Nacib uma noite de amor, enquanto que Fagundes estava no quarto do quintal bem escondido, à espera de socorro. Com sua “maneira de fazer,” Gabriela enfrentou tudo e todos, inclusive a polícia.

## 2.6. Parecia uma boneca da escola normal

Na obra “São Bernardo,” de Graciliano Ramos, o narrador mostra o fazendeiro Paulo Honório, que aos quarenta e cinco anos, casa com a moça de apenas vinte e sete anos, que era diplomada na escola normal. Logo de início, Madalena surpreende o marido com sua maneira de ser. Não era a idade que lhe fazia diferente, mas o seu modo de agir. Ela procura conhecer de perto todos que lhe rodeavam. O marido não imaginava aquele interesse da mulher, ficando surpreso com aquele comportamento. O rapaz, antes do casamento procurou informações, mas informações ligeiras. Havia gostado da moça, isto só bastava.

“Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano... Enjoou o Padilha. Mas gostou de seu Ribeiro; meteu-se no escritório, folheou os livros, examinou documentos, desarmou a máquina de escrever, que estava emperrada. E dois dias depois do casamento, ainda com ar machucado, largou-se para o campo e rasgou a roupa nos garranchos do algodão. À hora do jantar encontrei-a no descaroador, conversando com o maquinista.

- Ora muito bem. Isto é mulher.

Mas aconselhei-a não expor-se:

- Esses caboclos são uns brutos. Quer trabalhar? Combino. Trabalhe com Maria das Dores. A gente da lavoura só comigo.

- A ocupação de Maria das Dores não me agrada. E eu não vim para aqui dormir.” (RAMOS; 1991:95)

Dois dias depois do casamento, estava no campo, procurando se inteirar de tudo, conversando com os trabalhadores. Para o marido, aquilo era um despropósito: não estava certo uma mulher casada, no meio daqueles “brutos”. O marido estava preocupado, pois não queria mulher metendo-se no seu trabalho. Aquele comportamento de Madalena fugia aos padrões das mulheres que ele conhecia.

Ora, era aí que o casal se diferenciava, ela uma pessoa que sabia o que queria, ele um homem que gostava de mandar, de dar ordens, de dizer o que os outros deviam fazer. Queria uma mulher para o lar<sup>11</sup>, mas casou-se com uma moça diplomada na escola normal,

---

<sup>11</sup> Ver Margareth Rago: “Os Prazeres da Noite.” Rainha do lar foi a denominação dada para as mulheres que viviam só para casa e a família.



moça que escrevia artigos para o jornal. E cada vez mais Madalena tomava a defesa dos trabalhadores, procurando melhorar as condições de vida de sua fazenda.

Paulo Honório e Madalena discutiam, pois ela não conseguia entender o mau trato e as privações que os trabalhadores passavam. Por isso, chamava atenção do marido para as necessidades dos trabalhadores.

Madalena e Paulo Honório conversavam sobre os trabalhadores – as necessidades por que estavam passando. O marido, mesmo não gostando daquela intervenção, para não aborrecer a esposa, dava-lhe ordem para mandar feijão, farinha e um pouco de dinheiro para aquela família. Madalena, todas as semanas, ia à casa do Mestre Caetano fazer visitas, levar remédios, galinhas, seda para Rosa e lenços, sapatos para Margarida. O seu marido acreditava que existia naquela atitude muito abuso, roubo, descaramento, por isso decidiu, ao menos, procurar pedir, consultar. Sua esposa estava mesmo botando dinheiro fora, procurando ajudar aquela gente, a exemplo de mestre Caetano, que gemia de preguiça, e que todos os meses recebia um “dinheirão.”

No escritório, Madalena procurava ficar a par de tudo, mexia em todos os papéis, fazia perguntas, se inteirava de tudo, perguntava sobre o salário dos trabalhadores. Seu Ribeiro, o contador, acreditava que Madalena poderia lhe substituir nas escriturações da fazenda. Ela dominava o assunto e tinha uma boa caligrafia. Enquanto isso, Padilha achava tudo um absurdo, achando que Madalena não queria se ocupar em escrever diversos e diversos. Isso gerou um bate-boca intensificado no seguinte diálogo:

“-Qual o ordenado?

- Ora essa! Estranhou Padilha. A senhora ocupar-se com essas migalhas! Receber ordenado! Era tirar de uma mão e deitar na outra.

- Porque não? Se seu Ribeiro tiver de aposentar-se... Quanto ganha o senhor seu Ribeiro? (...)

- Duzentos mil réis.

Madalena desanimou:

- É pouco.

- Como? Bradei estremecendo.

- Muito pouco.

- Que maluqueira! Quando ele estava com o Brito, ganhava cento e cinquenta a seco. Hoje tem duzentos, casa, mesa e roupa lavada. (...)

- Se o senhor tivesse dez filhos não chegava, disse Madalena.

- Naturalmente, concordou D. Glória.

- Ora gaitas! Berrei. Até a senhora? Meta-se com os romances.”

(RAMOS; 1991:100)

E o marido ficava furioso achando que a mulher estava se metendo em lugar onde não lhe cabia. Pensava ele que as coisas da fazenda só diziam respeito a ele. Não aceitava que a mulher passasse o tempo todo dando lições, se metendo nos assuntos da fazenda. Paulo Honório estava preocupado, pois as coisas iam tomando um rumo diferente do que ele havia pensado; o bate-boca aconteceu em apenas oito dias de casados. A esposa se comportara como as mulheres da cidade. Não era fácil para o marido ver sua esposa se metendo em tudo.

“Fenômeno tipicamente urbano, como ela reconhecia, o crescimento da prostituição passava a ser vivenciado como um problema público – lado negativo do progresso –, e era transformado em poderoso fantasma de contenção às mulheres que pressionavam para ingressar na esfera da vida pública. Os tempos tinham efetivamente mudado. Não parecia fácil aceitar a convivência feminina em espaços tidos como essencialmente masculinos.” (RAGO; 1991:37)

Margareth Rago, acima, mostra a meretriz vista como lugar de artifício, da opacidade, da perda de si. Daí decorrendo o medo que as pessoas tinham em ver os jovens lutando pela emancipação feminina, mesmo que essa emancipação fosse apenas um simples desejo de ingressar no mercado de trabalho. A mulher, a “rainha do lar,” nada devia fazer para borrar a imagem de mulher santificada.

Paulo Honório também fazia parte desse universo que não gostava e temia que a mulher interferisse nas coisas da fazenda, num mundo, que antes do casamento, era só seu. Mas, dias depois, Madalena pede, porém com mais cautela:

“A voz de Madalena continuava a acariciar-me. Que diz ela? Pedeme naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar com uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar mandrião!” (RAMOS: 1991:102)

Paulo Honório sabia que sua esposa tinha um coração caridoso, era terna, isso o sensibilizava. Mas não estava acostumado, nunca havia visto ninguém se preocupar com

aquele “canalha.” Agora Madalena estava ali, e todos os dias as conversas era “mande dinheiro para um, outro dia para outro, precisava aumentar o salário de fulano, mandar remédio para cicrano” e não parava de pedir pelos trabalhadores. O fato é que o casal não mais se entendia. Muitas vezes, ela fazia comentários indesejados, em frente dos trabalhadores, deixando o marido furioso. Eis um diálogo entre marido e mulher:

“-Foi uma leviandade.

- Foi, balbuciou Madalena vermelhinha, foi inconsideração.

- Antes de falar, a gente pensa.

- Com certeza, disse ela bastante perturbada. Esqueci que os dois eram empregados e deixei escapar aquela inconveniência. Ah! Foi uma inconveniência e grande.” (RAMOS: 1991:105).

O casal procurou conversar. Paulo Honório mostrou à esposa as dificuldades que passou na vida, até conseguir comprar a fazenda São Bernardo. A mulher escutou a conversa atentamente como uma menina bem comportada.

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, porém à tarde saía pelas fazendas fazendo suas diligências, andando pelas casas dos trabalhadores, procurando saber como estavam. Por todos os lados, garotos “empalamados” e “beijudos” corriam para abraçá-la. Ia de casa em casa, procurando ver tudo de perto. Depois ia à escola criticar, ver o método do professor Padilha, procurar ver e saber o que lá existia e o que faltava, pedir um globo, mapas e muitas outras coisas. Porém, o marido, sem se dar conta, ordenou a compra. Quando chegou a fatura, uma exorbitância: seis contos de réis. Gastos com filhos de trabalhador para aprender a ler. Era difícil para o patrão entender, visto que ele mesmo tinha aprendido na cartilha do ABC, em almanaque, na bíblia, em qualquer coisa. Aquele dinheirão fora gasto sem necessidade.

“Mas contive-me. Contive-me porque tinha feito tenção de evitar dissidência com minha mulher e porque imaginei mostrar aquelas complicações ao governador quando ele aparecesse aqui. Em todo o caso eram despesas supérfluas.” (RAMOS; 1991:107)

“Para quê aquilo? Era inútil tudo aquilo naqueles cafundós, aquelas caixas pedagógicas. Aquilo não era importante para o governador.” O que ele queria era que os

trabalhadores aprendessem a assinar o nome, fossem capazes de tirar o título, era só isso que importava. E Madalena “gastava um dinheirão com aquelas bobagens”.

Na historiografia, também encontramos mulheres que, a exemplo de Madalena, também se preocupavam com os outros, mesmo num período em que a mulher devia só viver a serviço de sua casa e do marido. Isso é o que nos mostra Natallie Zemon Davis quando narra a trajetória de três mulheres do século XVII, mostrando Marie de *I'Incanation* que, ao ficar viúva e com um filho de apenas onze anos, acalentava o sonho de ir para um convento. Ela tudo faz para realizar seu sonho. Iniciou uma vida de penitência e mortificações espancando o próprio corpo; fez também voto de pobreza, acreditando, assim, que Deus ouviria suas preces. Passando por cima de todos os obstáculos, até mesmo o de se separar do filho, entra para um convento. Mas não pára por aí: não se dá por satisfeita. Depois de alguns anos, parte para o Canadá, lugar pouco habitado, passa a morar num convento fechado, mas, logo percebe que era um mundo muito pequeno para a bravura de Marie Guyart<sup>12</sup>. O lugar era muito perigoso, sendo necessário que as mulheres que ali fossem superassem o medo, uma marca própria de ser mulher, segundo o código da época. Marie de Incarnation foi muito além do que uma simples irmã: dedicou toda a sua vida para ajudar aqueles que mais necessitavam. É o que nos diz a autora de “Nas margens:”

“Visualizo as dificuldades, tanto no mar como na terra; imagino a vida entre os bárbaros, o perigo de morrer de fome ou frio, as muitas ocasiões em que se pode ser capturado [...] e não vejo mudança nenhuma na disposição do meu espírito.” (DAVIS; 1997:79)

Quanto mais dificuldades encontradas, mais ela se realizava levando o ensinamento religioso, e a educação para os povos mais distantes.

Voltando a “São Bernardo,” Paulo Honório não conseguia entender o bom coração de sua esposa, achando toda aquela preocupação com os trabalhadores um absurdo, um gasto sem retorno, um dinheiro jogado fora.

Paulo Honório não parava de andar pela fazenda, dando ordens, cuidando de tudo de perto, e para cada “mal feito,” lá iam às descomposturas, os gritos, os empurrões. Verificou que Marciano estava sentado, conversando, que os animais com fome, que a

---

<sup>12</sup> Marie Guyart: era o nome de Marie l'Incanation antes de ir para o convento.

comida ainda não tinha sido colocada no coxo. Foi ao seu encontro e deu-lhe uma descompostura. O cabra valeu-se de Madalena, resmungando. Conforme o diálogo, Madalena interfere junto ao marido:

“-É horrível! Bradou Madalena.

- Como?

- Horrível, insistiu (...)

- O seu procedimento. Que barbaridade! (...) Estaria tresvariando? Não: estava bem acordada, com os beijos contraídos, uma ruga entre as sobrancelhas.

- Não entendo. Explique-se (...)

- Como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma?”  
(RAMOS; 1991:109)

O marido não entendia tamanha fúria, não sabia o que estava acontecendo. Esclarecido, achou que não era motivo para tanto aborrecimento, a mulher deixou-o assustado. Aquilo não seria nada: Honório era acostumado com aqueles maus tratos com os empregados; tratava-se de uma atitude insignificante, que não seria motivo para aborrecimento. Para ele, aquilo era banal, sem conseqüências, uma frivolidade. Além disso, não estava batendo num homem, aquilo era um “molambo.” Era esse tratamento, e a maneira de ele tratar os trabalhadores, mas isto Madalena não aceitava. Enquanto Paulo Honório achava que os trabalhadores não passavam de molambos, para Madalena, eles eram seres humanos que mereciam respeito. “Acho tudo aquilo uma crueldade, não deve fazer mais isto,” dizia Madalena ao marido. Ele não gostou dos conselhos da mulher e perdeu a paciência.

“-Fiz aquilo porque achei que devia fazer aquilo. E não estou habituado a justificar-me, está ouvindo? Era o que faltava. Grande acontecimento. Três ou quatro muxicões num cabra. Que diabo tem você com o Marciano para estar tão parida por ele?” (RAMOS; 1991:110)

Mas o casal nunca conseguiu se entender, passaram todo o tempo de casados brigando, Madalena não conseguiu mudar as atitudes e nem o modo de pensar do marido. Madalena não agüentando mais de tanta confusão e sofrimento põe fim à própria vida.

## 2.7. Feitiço uma tática para trazer o homem de volta

Na obra “Jubiabá” da autoria de Jorge Amado, o narrador conta a história de espírito, mostrando assim a crença das pessoas no feitiço.

A literatura trabalha o cotidiano das pessoas pobres que viviam no morro e como elas se comportavam diante de sua crença.

Luísa estava atacada, pai Jubiabá foi chamado, pois era autoridade maior, quando o assunto era espírito. Era o pai de santo mais respeitado da região, acostumado a “tirar” e “botar” feitiço.

Nas noites de domingo, a comunidade do morro se reunia, ora na casa de pai Jubiabá, ora na casa da velha Luísa, ou de todos os amigos do morro, para conversar, tocar viola, cantar, beber cachaça. Quando se ouvia num terreiro batuque, sons de dança, vozes diferentes e misteriosas. Luísa ali estava com sua saia de chita vermelha e sua anágua rodada. E, nestas noites, sobrinho e tia não dormiam. Para Balduino, pai Jubiabá era um mistério.

Nas conversas, as mulheres gostavam muito de contar suas histórias. Uma delas contou que havia sido abandonada pelo amante que tinha feito de tudo para ela se apaixonar por ele. Dava-lhe presentes todos os dias, fazia passeios, fazia promessas. Prometera até casar, “no padre e juiz”. E ela, tola, caiu nas lábias dele. Ficou Grávida, e ele fugira com outra. Restando só uma alternativa, trabalhar e criar o filho sozinha. Diante do exposto, veja o que sugere a amiga:

“Por que você não faz feitiço para ele voltar?

-Pra que? Estou cumprindo o meu destino... O destino é Deus quem dá...

-Pois olhe: eu se fosse você fazia feitiço pelo menos para dar doença na bicha que levou seu homem... Então vê lá... Uma mulher leva meu homem e fica assim... Igual a nada? Fica não, meu amor... Botava feitiço, dava lepra nele e ele voltava direitinho... E com pai Jubiabá que bota tão bem, feitiço tão forte...

-Pra quê? Destino é coisa feita lá em cima, apontava para o céu. - A gente já vem com o seu para o mundo, tem de cumprir... Esse que está aqui dentro - mostrava a barriga enorme - já tem o dele prontinho.” (AMADO: 1935:32)

A literatura mostra o espiritismo e o destino como algo pronto, resta ao povo apenas conforma-se. Mas não é qualquer pessoa que a literatura mostra, e sim as pessoas pobres, analfabetas e simples do morro. Mostra, assim, as pessoas pobres, conformadas com a vida que levam. Algumas mulheres concordavam com o destino, outras não. Outras achavam que não deviam se conformar, e deviam usar como “tática” o feitiço, pedindo ajuda ao pai Jubiabá, pois sua “reza era forte” e dela ninguém escapava. É o que sugere a seguinte citação:

“-Pois olhe: você conhece gracinha, uma morena que mora no Guindastes dos Padres?  
Uma mulherzinha conhecida:  
-Não é uma sem dentes, feia, como uma jararacuçu?  
-Essa mesmo... Pois olhe: com aquela cara toda tomou o homem de Ricardinha que é um mulherão... Feitiço forte que Jubiabá fez...  
-O feitiço ela fez na cama - riu um mulato.” (AMADO: 1935:32)

O narrador de Jubiabá conta história de amor, ou melhor, história de mulheres que tudo faziam para tomar o homem das outras, denominando isso como feitiço. Mas, para o mulato, o verdadeiro feitiço era o que a mulher fez na cama conseguindo assim que o homem preferisse ela a outra. Isso sim era o feitiço.

Augusta mais uma vez acreditava no feitiço. Esta era vizinha de Luísa no morro, e ganhava a vida fazendo renda e vendendo. Era das assíduas na macumba do pai Jubiabá e gozava um grande prestígio do pai-de-santo. Ninguém sabia nada da vida de Augusta, mas apenas que tinha chegado ao morro, sem ninguém saber de onde veio. Tinha um olhar perdido e o sorriso triste. Imaginavam coisas sobre ela, histórias amorosas de infelicidades. Ela só dizia: “minha vida é um romance, é só escrever”.

Na obra Jubiabá, mostra-se como Augusta era perturbada pelo espírito quando estava vendendo as suas rendas. Veja a citação seguinte:

“Um... dois... três... - parava zangada e gritava - vinte o quê... Quem foi que disse que é vinte? Eu ainda estou em três... Olhava para freguesia e explicava:  
-Ele me atrapalha que a senhora não imagina... Eu estou contando direito, ele começa a contar no meu ouvido depressa que faz medo. Quando eu ainda estou em três ele já está em vinte... Eu não posso com ele.

E fazia súplicas:

-Vá embora que eu quero vender minhas rendas direito... Vá embora..." (AMADO: 1935:40)

Augusta acreditava que aquele espírito era um malvado que vive acompanhando, e nem depois de morto deixava ela em paz.

Outras vezes, o espírito resolvia se divertir, enlinhando as suas pernas, esta parava no meio da rua e, pacientemente, começava a tirar a linha que prendia as suas pernas. E, quando perguntavam o que estava fazendo, respondia:

"-Não está vendo? Estou tirando as linhas que aquele desgraçado pôs nas minhas pernas para eu não poder andar e não vender as minhas rendas... Ele quer que eu morra de fome.

E continuava a tirar as linhas invisíveis. Mas se lhe perguntavam alguma coisa sobre quem teria sido aquele espírito, Augusta nada dizia. Ficava olhando ao longo e sorria seu sorriso triste. E as mulheres diziam:

-Augusta é pancada porque sofreu muito... Vida triste a dela..." (AMADO: 1935:41)

E no meio mais pobre, o feitiço era usado como tática para punir as pessoas ou como meio de reparar um erro, ou ainda, como dissemos, para trazer o homem de volta.



## Considerações Finais

Conforme pudemos observar neste trabalho, procuramos estudar um pouco mais a mulher nordestina, buscando entender como elas viviam nas primeiras décadas do século XX, e procurando perceber o que faziam para se adaptar ao mundo em sua volta e quais as táticas usadas por elas, para irem de encontro ao mundo que lhes foi imposto.

Procuramos trabalhar a literatura fazendo uma ponte com a história, para isso foi necessário entender melhor como se dava essa relação, ou seja, como a História lança mão da literatura para se auto-construir. É preciso que o historiador fique atento para perceber o que existe de diferente, procurando detectar o específico de cada problema.

Outro ponto que merece igual destaque é perceber que o real e o imaginário não podem ser separados, ou seja, realidade e ficção caminham sempre juntas, formando o discurso histórico. Igualmente relevante é aquele que diz respeito ao documento e como estes devem ser trabalhados, pois os textos literários são documentos que podem ser trabalhados pelo historiador.

A literatura pode ser entendida como um documento histórico, que foi escrita num determinado tempo, inserida numa realidade que faz parte do ser humano. Então, nestes documentos podemos perceber ódio, raivas, saudades, paixão, amor, ternura, sonhos, desilusão, medos, tristezas e sofrimentos. Um romance faz parte de uma época, com valores de um determinado tempo, do tempo do autor. E, desse modo, podemos lançar mão da literatura como documento, estudando assim o espírito da época, fazendo nos crer que o discurso literário pode ser pensado como uma prática social ou cultural.

José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado descrevem diversos tipos de mulheres, desde a “rainha do lar” até mesmo a “*femme fatale*,” mostrando assim que não existia só uma mulher nordestina, mas diversos tipos de mulheres. Neste período, a prostituição era vista como um fantasma que perseguiam as mulheres servindo assim de parâmetro, que mostrava como as moças deviam se comportar para não serem confundidas com elas.

Existiam espaços bem definidos para a moça de família. O modo de vestir também era importante: deviam ter cuidado na pintura como até mesmo nos perfumes que usavam. Não deviam sair sozinhas, e sempre que possível acompanhada do marido ou de uma

pessoa mais velha. Existia uma cobrança muito grande por parte das famílias, temendo que suas filhas e mulheres ficassem mal faladas.

Assim, no decorrer desse trabalho, o que vimos é que os papéis não são tão bem definidos assim, pois o que encontramos foi uma mesma mulher com diversas caras e diversos papéis. E muitas daquelas que se diziam “honradas”, que viviam para as suas casas, suas famílias e seus maridos, com suas “maneiras de fazer,” burlavam todo um código de conduta que lhes era imposto. E aquela sociedade que colocava papéis bem definidos para as mulheres, muitas das vezes era pega de surpresa.

Existiam aquelas mulheres que passavam por cima de tudo para viver sua vida e com suas “maneiras de fazer,” diziam “não” à sociedade da época. Mulheres como Gabriela, Malvina, Mariquinha, Madalena, Glória, Ester, Luísa, Sinhazinha e tantas outras que com “suas mil e uma caça não autorizadas,” foram capazes de colocar abaixo aquele mundo que tinha sido pensado e pré-determinado para elas.

Neste período, algumas mulheres pagaram o preço da sua rebeldia com a própria vida. Mas isso não foi o suficiente para intimidá-las, nem também desanimá-las, pois ao contrário do se pensa, elas continuaram lutando. Pois como dizia o próprio Michel Certeau, “fazendo o uso das astúcias” elas conseguiram alcançar os seus sonhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1935.
- AMADO, Jorge. *Terras do Sem Fim*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1942.
- AMADO, Jorge. *Gabriela Cravo e Canela* Livraria Martins, São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.
- BURKE, Peter: *A escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). *A História Contada*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens: Três Mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os Populares e o Cotidiano do Amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.
- PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Editora Record, s/d.
- RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 10. ed., São Paulo: Editora Martins, 1972.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 54. ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1991.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 64. edição, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1993.
- REGO, José Lins. *Fogo Morto*. 40 ed., Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1992.
- REGO, José Lins. *Menino de Engenho*. 44. ed., Rio de Janeiro, Editora José Olímpio, 1989.
- REGO, José Lins. *Pureza*. 11. ed, Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1994.
- REGO, José Lins. *Usina*. 13 ed, - Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I, Campinas - SP: Editora Papiros, 1994.
- THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: um estudo sobre a cultura Popular*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.